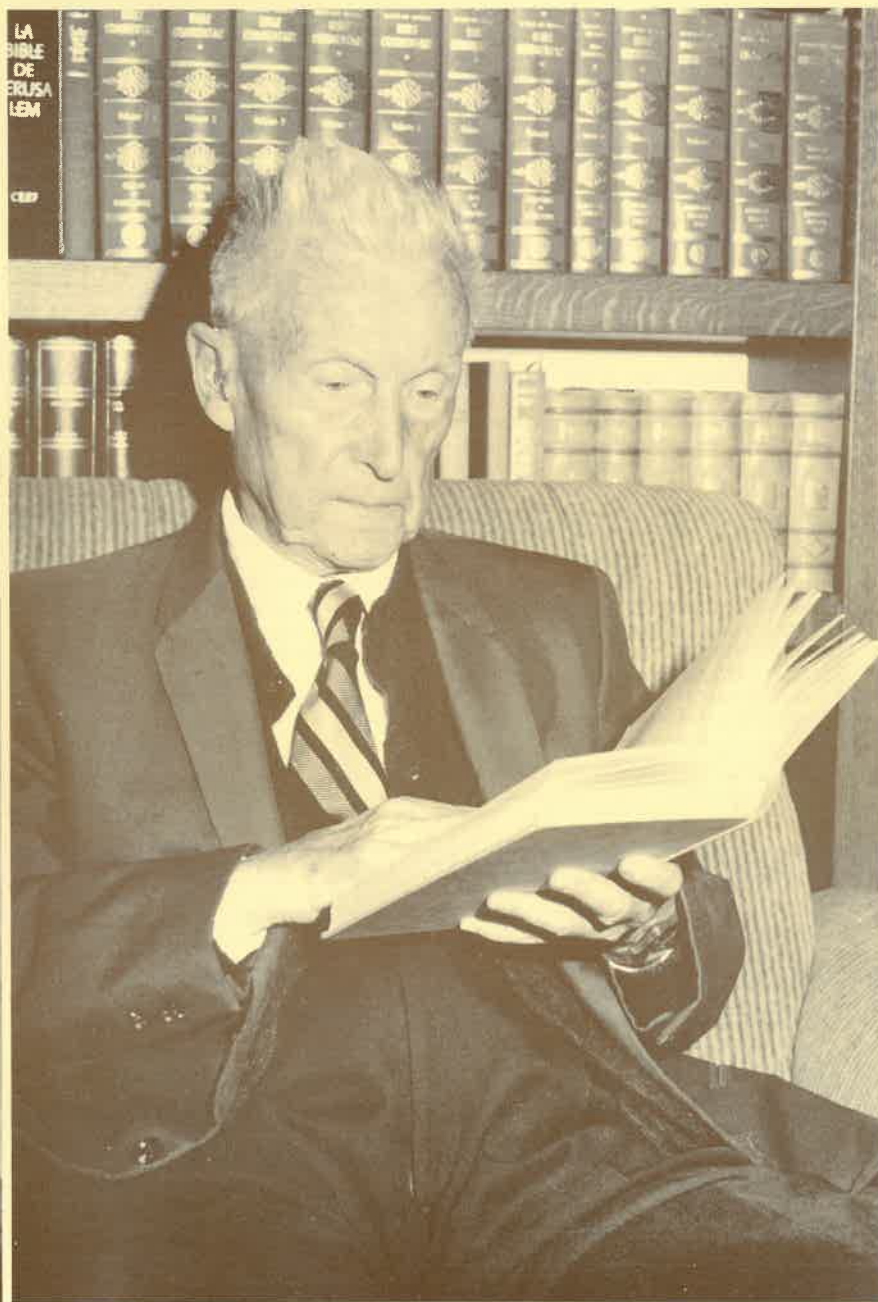


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Junho/1987



CENTENÁRIO DE ALFRED VAUCHER

HOMENAGEM A ALFRED VAUCHER

Na vida dos povos, como na dos indivíduos, há certos momentos tão excepcionais, que se não podem deixar de referir e celebrar. É o que desejamos fazer neste número da REVISTA ADVENTISTA, ao comemorar o centésimo aniversário do pastor **Alfred Vaucher**.

Trata-se, de facto, de uma ocasião especial, não só pela celebração deste aniversário, mas, sobretudo, pela qualidade da sua longa vida, inteiramente dedicada à pesquisa, ao ensino e à proclamação do Evangelho, tanto pela pena, como pela palavra.

Nascido a 18 de Março de 1887, nos vales valdenses do Piemonte, neto da primeira adventista da Europa, Catherine Revel, Alfred Vaucher é um verdadeiro pioneiro do Movimento Adventista na Europa de língua francesa. É, também, um destes obreiros da primeira geração, que contribuíram de maneira decisiva para o desenvolvimento da Obra na Suíça, França e Itália.

Se desde agora é possível traçar a carreira de Alfred Vaucher como pregador e professor, é certamente cedo ainda para fazer o balanço da sua obra de pesquisador, que foi e continua a ser. De facto, no decurso dos últimos anos, mais duma vez ele nos surpreendeu neste domínio. Assim, em 1983, entregou-me um manuscrito dizendo que se tratava do seu último ensaio. Publicámo-lo sob o título de *Derniers Essais* (Últimos Ensaios).

Mas, em Setembro de 1985, um pouco antes de uma nova partida para os Estados Unidos, ele fez-me entrega de mais dois novos manuscritos, um sobre o livro de *Daniel*, e outro sobre o do *Apocalipse*. Dois comentários particularmente preciosos pelas notas bibliográficas que contêm, fruto de laboriosas pesquisas nas bibliotecas do mundo inteiro.

Finalmente, no ano passado, quase a chegar ao seu centésimo ano de vida, ele entregou ao Pr. Georges Stéveny a rica do-

cumentação que acumulara no decurso dos últimos anos, tendo em vista uma quarta edição, revista e aumentada, do seu livro *Histoire du Salut* (História da Salvação). Será a edição do centenário e, simultaneamente, o coroar de toda uma vida de pesquisador incansável, à descoberta da verdade bíblica.

Escusado é dizer que será preciso ainda um certo tempo para avaliar, no seu justo valor, a obra global de Alfred Vaucher, a qual exigirá um estudo atento e aprofundado. A sua vasta biblioteca e os milhares de fichas que possuía foram legados à biblioteca do Seminário de Collonges — a qual tem o seu próprio nome. Constituirão, doravante, considerável mina de informações.

Todavia, hoje, através das páginas da *Revista Adventista*, desejamos honrar o testemunho vivo de um século de história do Movimento Adventista. Alfred Vaucher nasceu pouco depois de a pregação da Mensagem ter começado a dar os primeiros passos na Europa. Viveu os seus momentos difíceis. Participou no seu desenvolvimento e alegrou-se ao ver a proclamação da próxima vinda de nosso Senhor Jesus Cristo difundir-se até aos confins da Terra. Assim, chegando a este culminante ponto da sua vida, certamente que o seu testemunho é semelhante ao da serva do Senhor que, no termo da sua vida, assim se exprimiu:

«Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo de progresso até ao nosso nível actual, posso dizer: Louvado seja Deus! Ao ver o que Deus tem obrado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos a recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.» (*Testemunhos Selectos*, III, p. 443).

Jean Zurcher

Caminhando com Deus

(Ao Prof. Alfred Vaucher)

Intérprete perfeito bem desejava ser

Dos nobres sentimentos de gratidão e amor

De homens e de mulheres a quem deste o teu saber,

Dos venturosos mil de quem foste Professor.

Contemplo o teu caminho tão cheio dessa glória

Que em amor, renúncia e humildade se formou.

Tua palavra e teus sábios escritos são a história

De cem anos de labor que Deus santificou.

Pastor e Mestre por tão poucos igualado

De abnegação e fé grande exemplo nos legaste

Caminhando com Deus uma vida lada a lado!

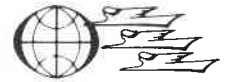
Alfredo Vaucher! Teu nome vai permanecer

No coração e mente daqueles que ensinaste

E gratos bendizem Deus porque te fez nascer!

M. A. Pires

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1987

Ano XLVI • N.º 488

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDAÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 600\$00

Número Avulso 60\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Traveilho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Homenagem a Alfred Vaucher**
Por Jean Zurcher
- 2 Caminhando com Deus**
Por M. A. Pires
- 3 Assembleias — III**
Por J. Morgado
- 4 Alfred Vaucher através dos anos**
Por Pietro Copiz
- 10 A Obra de Alfred Vaucher**
Por Georges Stéveny
- 13 Alfred Vaucher, um professor inesquecível**
- 15 Um Apelo**
Por Pietro Copiz
- 16 A Sorte de Laodiceia**
Por Georges Stéveny
- 17 O Campo é o Mundo — Notícias**

Capa: *Três fases da vida de A. Vaucher: aos 12, 40 e 100 anos.*

Assembleias — III

O último aspecto do trabalho das Assembleias que desejamos frisar é o que diz respeito ao futuro.

Talvez coloquemos sempre em primeiro lugar a escolha dos responsáveis da União, seus departamentais e directores das instituições. Não é fácil, às vezes, encontrar a pessoa que se adapte completamente ao lugar. Temos que ter em conta que algumas qualidades que visionamos não serão conseguidas. Não encontraremos os dirigentes e os obreiros perfeitos.

Há, no entanto, algo nas Sagradas Escrituras e no Espírito de Profecia, que nos anima: é que Deus realiza o Seu trabalho mesmo com seres imperfeitos que se esforcem por fazer a Sua vontade. Isto não quer dizer que não nos esforcemos por atingir o alvo que é Cristo, mas, humanamente, o dirigente mais perfeito terá as suas falhas.

Estou certo de que Deus colocará na nossa mente, ao longo dos anos, a visão daqueles que poderão ser instrumentos para fazer avançar a Obra. É necessário que cada um desenvolva ao máximo as suas capacidades em todos os lugares a que for chamado. E o lugar a que um obreiro se deve dedicar de alma e coração é o trabalho pastoral. Todos os outros são meros acidentes na sua carreira.

Por isso, será bom que um espírito de oração possa impregnar todos os delegados à Assembleia.

Como todos sabem, os trabalhos da Assembleia serão divididos em várias comissões, cujas propostas serão depois discutidas e votadas pelo plenário da Assembleia.

A primeira é a **Comissão Preparatória**. Segundo os Estatutos da União, «cada igreja representada pela sua delegação na Assembleia será autorizada a nomear, por meio dos seus delegados ou Conselho, um membro para fazer parte desta

Comissão» (Art.º VIII, Secção 5, alínea b, n.º 1).

Acrescenta o Working Policy [Regulamento de Trabalho], que «As pessoas assim escolhidas, juntamente com o mais representativo dirigente da Divisão presente, serão responsáveis pela nomeação de todas as Comissões regulares a ser votadas pela sessão» (Working Policy, A-46).

As Comissões a ser votadas são: de **Nomeações, de Planos e Resoluções, de Credenciais e Autorizações, de Estatutos e Regulamentos.**

Comissão de Nomeações

Deverá ser constituída por 9 a 15 membros. O presidente desta Comissão é o presidente da Divisão Euro-Africana.

Estabelece os Estatutos que os oficiais cessantes não podem fazer parte dessa Comissão. E o Working Policy acrescenta que «a constituição desta Comissão deve ser o mais possível equilibrada entre obreiros denominacionais e membros leigos, representando vários sectores da Obra e territórios da União» (W.P., 1-46).

As pessoas que esta Comissão terá de nomear são: o presidente da União, o secretário-tesoureiro, os directores dos Departamentos e os outros membros do Conselho Executivo da União.

«O Senhor tem certos homens para ocupar determinados cargos. Deus ensinará Seu povo a proceder com cautela e a escolher judiciosamente homens que não traíam os sagrados encargos. Se nos dias de Cristo foi necessário que os crentes usassem de prudência para a escolha dos homens para os cargos de responsabilidade, nós que vivemos neste tempo certamente precisamos de usar de grande discricção. Devemos apresentar a Deus cada caso, e, com oração

fervorosa, pedir-Lhe que escolha por nós.» — Testemunhos Selectos, vol. III, p. 412.

Comissão de Planos e Resoluções

Terá uma das mais importantes tarefas, no presente momento de COLHEITA 90. Exige de nós imaginação para encontrarmos os planos e os meios de terminar a Obra na presente geração.

Comissão de Credenciais

De acordo com os Estatutos deverá ser unicamente composta por ministros ordenados.

Serão revistas as credenciais já outorgadas e serão propostas outras.

Comissão de Regulamentos e Estatutos

Estudará as questões relacionadas com este tema e se houver alguma coisa a modificar, isso terá de ser proposto ao plenário. Não podemos, por imperativos legais, andar constantemente a fazer modificações nos Estatutos; mas o assunto deve ser cuidadosamente estudado.

Desejaríamos chamar a atenção para o seguinte texto de Testemunhos Selectos, vol. III, p. 198:

«Que cada um dos que se assentam em concílios e reuniões de comissões escreva no coração as palavras: Estou trabalhando para o tempo e a eternidade; e sou responsável perante Deus pelos motivos que me levam à acção. Seja esta a sua divisa. Seja sua a oração do salmista: 'Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca: guarda a porta dos meus lábios. Não inclines o meu coração para o mal' (Salmos 141:3, 4).»

J. Morgado

ALFRED VAUCHER

através dos anos

PIETRO COPIZ

Esboço Biográfico

Cem anos de uma vida cheia e variada dificilmente se resumem em algumas páginas. Por um lado, a maioria dos leitores recua diante de um texto longo e compacto, limitando-se a escolher segundo os seus interesses, e a sobrevorar o resto. Por isso, achei oportuno traçar a vida de Alfred Vaucher em grandes linhas e a seguir apresentar outro aspectos que funcionem como repertório biográfico a ser consultado oportunamente. Isso está, aliás, bem próximo do estilo do próprio Vaucher, que nele se reconheceria.

INFÂNCIA E PREPARAÇÃO (1887-1903)

Alfred-Felix Vaucher nasceu a 18 de Março de 1887, em La Pounsa, Luserna-San Giovanni, perto de Torre Pellice, nos vales valdenses do Piemonte. O pai, Jules-Alfred Vaucher, e a mãe, Méry Revel, separaram-se alguns meses após o casamento, ainda antes do pequeno Alfred nascer, o que se deu em circuns-

tâncias muito tristes. A mãe não fazia senão chorar e, não tendo leite suficiente, era obrigada a levar, todos os dias, o filho a uma vizinha, para esta o amamentar.

Por volta de 1888 (a data não é certa), Méry partiu para Battle Creek, nos Estados Unidos, a fim de obter um diploma de massagista que lhe permitisse ganhar o seu sustento e o do filho. Quando o marido o soube, enviou a mãe e uma das irmãs para tomarem conta do pequeno Alfred, que foi então levado para Fleurier, no cantão de Neuchâtel, Suíça, onde foi criado por duas tias. Ao regressar à Europa, Méry traz o filho para casa de sua mãe, enquanto ela exerce a sua profissão em Turim. Alfred é então educado sobretudo pela avó materna, até 1897.

Após um ano de escola infantil e três de escola primária na aldeia, Alfred, que nos seus cadernos usa frequentemente o nome de Alfredo e Felice (italianos), vai ter com a mãe a Turim, onde conclui os estudos primários e ingressa num instituto técnico, do qual faz os três primeiros anos.

Por influência e protecção do pastor que o baptizara em 1900, o jovem segue os cursos da escola bíblica organizada por B.G. Wilkinson em Paris, na Rua Malebranche, n.º 8. Isso, de 27 de Outubro de 1902 a 13 Abril de 1903. A seguir, encorajado por Ulysse Augsburguer, colporta alguns meses na Suíça, em La Chaux-de-Fonds, com a revista *Les Signes des Temps* (Sinais dos Tempos). É obrigado a voltar para junto da avó, a fim de tomar conta das terras e substituir o lavrador que partira antes de expirar o seu contrato.

TRABALHO NA ITÁLIA E NA SUIÇA (1903-1913)

Em Outubro de 1903, Alfred Vaucher recebe um chamado para Roma, para colaborar com Charles T. Everson, como tradutor, colportor e evangelista, juntamente com Léopold Bénézet. Trabalha sucessivamente em Terni, Espoleto, de novo em Terni, e a seguir em Pisa. Está-se em 1906. Nesse mesmo ano, após ter estado no camp-meeting de Gland, Vaucher

recebe um chamado para ir dar aulas de francês em Roma, numa escola técnica aberta por Everson. Durante a sua permanência nessa cidade, ele próprio recebe lições de inglês, por Joséphine K. Schell, cunhada de Everson.

Em Agosto de 1907, é convidado a trabalhar na Suíça românica. A princípio, faz palestras em Tavannes, no Jura. Aloja-se numa pequena tenda ao lado da tenda das reuniões. Ao Sábado, visita Tramelan, Saint-Imier, La Chaux-de-Fonds, Montbéliard, Neuchâtel e Biennne, dando assistência espiritual a igrejas e grupos. Nessa época trava conhecimento com Emma Rochat, filha do ancião da igreja. Logo, desde o primeiro encontro, Alfred sabe que Emma é a pessoa com quem casaria se a mãe o não tivesse feito pronunciar um voto de celibato quando tinha 12 anos de idade. Em Janeiro de 1908, é transferido para Vevey, onde fica mais de um ano. Mas durante esse tempo, também faz conferências em Clarens e prega em Lausana, Gland, Yverdon, Orbe, Perles, Payerne,

Moudon, Sainte-Croix e Genebra, além das igrejas que já foram mencionadas. De Março a Agosto de 1909, trabalha em Morges, onde é secundado por uma excelente obreira bíblica e obtém alguns batismos. Após o camp-meeting de Agosto, é transferido para Yverdon, onde o evangelista Jules Rey está fazendo uma grande campanha de evangelização. É depois enviado a Payerne e trabalha com o jovem Joseph Monnier. A 31 de Março de 1910, resolvidas as dificuldades iniciais, casa finalmente com Emma. O jovem casal é enviado para Lugano. Dessa união nasceram três filhos: Arthur (1911), Hélène (1912) e Alice (1914). Todos vivem ainda.

No camp-meeting de Cernier, em Agosto de 1910, Vaucher é convidado por Luigi Zecchetto, novo responsável da Obra em Itália, para exercer o

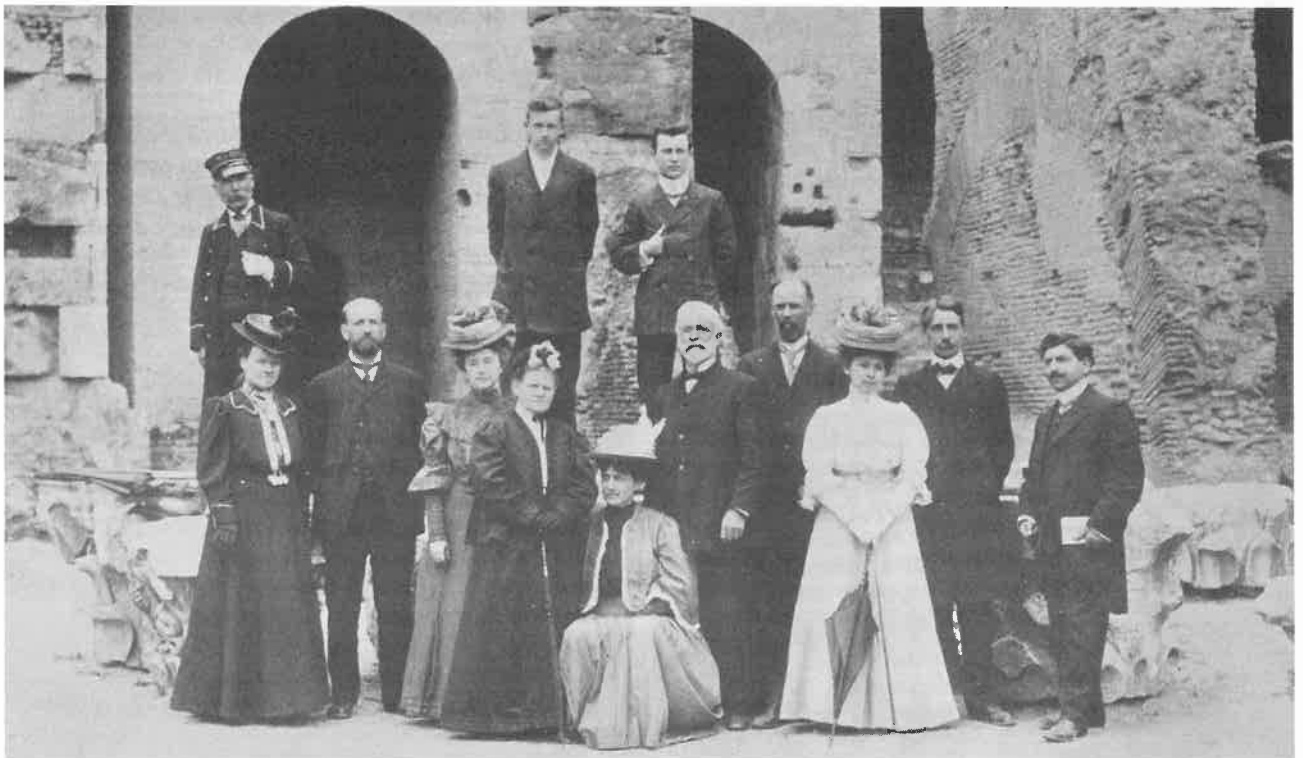
seu ministério em Gênês (especialmente em Sampierdarena, nos arredores da cidade). Ele e sua mulher partem em Setembro. Seguem-se anos difíceis, do ponto de vista financeiro. Em 1911, Vaucher vai muitas vezes a Montaldo Bormida, onde Elie Bertalot trabalha com êxito; As suas notas pessoais indicam que ele trabalha frequentemente em Certosa e Campasso, sem negligenciar os vales piemonteses. A 6 de Julho de 1911, no seu caderno-calendário, aparece um título significativo: *Histoire du Salut* (História da Salvação)! No decurso do verão de 1912, ele aluga um apartamento mobiliado em Saint-Jean, perto do sítio em que nasceu, e aí faz reuniões públicas em francês, enquanto Gian-Luigi Lippolis apresenta as suas em italiano. Em Outubro desse ano, tem lugar a primeira assembleia geral italiana,

em Gravina, na Púglia, à qual assiste, e aí traduz L.R. Conradi e Léon Tieche.

O MINISTÉRIO EM FRANÇA (1913-1920)

Em 1913, Léon Tieche, presidente da União Latina, convida Alfred Vaucher para trabalhar em Paris. A família instala-se na cidade em Setembro desse ano, mas logo em 1914, após a assembleia de Yverdon, Vaucher é de novo transferido, desta vez para Genebra, na Suíça, embora mantendo a residência em Paris, pois ele é o redactor da revista *Les Signes des Temps*, que se imprime em Gland (os exércitos alemães estão perto de Paris). Vaucher prega em várias igrejas suíças. Em 1917, é consagrado ao ministério. Visita então as igrejas da França não-ocupada e

substitui Léon Tieche numa visita através de todas as igrejas de Itália. No momento do regresso, é-lhe negado o visto de entrada, suspeito de espionagem, e tem de ficar sete meses em Itália. Em Agosto, volta a ver a família, na assembleia de Nîmes, e nessa altura é nomeado presidente da Associação das igrejas de França, continuando o seu trabalho de redactor. Mas não tem de ocupar-se de assuntos administrativos, porque Tieche, que reside em Paris, se ocupa dessa parte. Um pouco mais tarde, junta às suas funções as de secretário da União. E em Outubro de 1920, sem deixar as suas outras responsabilidades, dá aulas no curso bíblico de Nîmes, então dirigido por Jules-César Guenin. Ao dar aulas de História do Cristianismo, Filosofia da História e Literatura, Alfred Vaucher descobre a



Uma página de história adventista, junto ao Coliseu de Roma, em 6 de Maio de 1907. Presentes diversos dirigentes da Conferência Geral Vaucher está na segunda fila, à direita.

sua verdadeira e profunda vocação: professor.

O PROFESSOR (1920-1951)

Quando a escola bíblica é estabelecida em Gland (durante um ano), antes de ser transferida para Collonges, França, Alfred Vaucher pede para dar aí aulas. Albert V. Olson, novo presidente d União Latina, bem gostaria que ele tomasse outras funções, e faz-lhe ver que nunca se viu um presidente de Associação «descer» para o nível de professor. Vaucher responde que antes prefere ser um bom professor do que um administrador medíocre. Além de dar aulas, tem também a responsabilidade da direcção da escola de Gland.

No Outono de 1921, com a abertura do Seminário de Collonges, começa para Vaucher uma longa carreira de professor. O prospecto da escola indica-o também como director, mas esta responsabilidade é confiada a Léon Caviness. Vaucher ensina diversas cadeiras. A primeira edição da *Histoire du Salut* (História da Salvação) é usada como manual escolar a partir de 1921. Alfred Vaucher é também o bibliotecário da escola. Durante toda a sua estadia em Collonges, reside num dos apartamentos do «Chalet». Em 1936, participa na sessão da Conferência Geral em São Francisco e aproveita para proceder a várias pesquisas sobre o jesuíta Lacunza, em bibliotecas dos diversos países da América Latina.

A sua saúde não deixa de se ressentir e muitas vezes ele pede para ser mudado. Isso acontece



A. Vaucher no princípio da sua carreira de professor

em 1941, quando é nomeado capelão do Sanatório de Gland. Aí permanece até 1944, altura em que é eleito presidente da Federação do Léman. Tendo a possibilidade de «descarregar todos os seus cuidados» num excelente administrador, conta ele, dedica-se inteiramente aos interesses espirituais das igrejas. É uma época que ele considera a mais bela da sua carreira ministerial, mas que não durou muito. Menos de um ano depois, é-lhe pedido para voltar ao Seminário de Collonges como director. Ele quer recusar, mas acaba por se sentir no dever de aceitar uma decisão do comité. E considera o período que se segue como «seis anos de penitência». Claro está que, simultaneamente, continua a dar aulas.

A APOSENTADORIA ACTIVA (1951-)

Alfred Vaucher deixa o Seminário em 1951 para se fixar em Genebra (Rua Miléant, n.º 13), mas continua a ensinar em Collonges embora a tempo parcial, e isso durante vários anos. É nomeado secretário da comissão

«Advent Sources and Defense», em nome da qual publica diversos trabalhos. Ao princípio, havia o projecto de se fazer também uma enciclopédia adventista europeia, com autores europeus. Vaucher reúne diligentemente uma vasta documentação. Mais tarde, as opiniões mudam, e parte desse material é publicado na revista *Servir*. Entretanto, Alfred Vaucher é chamado a dar aulas no seminário italiano de Villa Aurora, mas simultaneamente continua as suas pesquisas, que publica periodicamente. Em 1963, a Universidade de Andrew outorga-lhe o título de *doutor honoris causa* em Teologia. Sua mulher morre em 1964 e deixa um enorme vazio na sua vida. Em 1976, Vaucher publica à sua própria custa um livro sobre Czechowski. Em Novembro de 1978, fixa residência em Gland, onde aluga um quarto no «Chalet» de La Lignière. Aé reside de Maio a Novembro e reserva a estação fria para uma estadia na Califórnia (622 Solway, Glendale, CA 91206), em casa de sua filha Héléne. Entretanto, a surdez começa a afectá-lo.

Entre 1969 e 1982, visita várias bibliotecas na Euro-

pa, América e Austrália, a fim de completar o seu Manual sobre Daniel. A 14 de Junho de 1981, está presente em Collonges para a inauguração da Biblioteca que tem o seu nome, e à qual legou os seus livros pessoais e o seu enorme ficheiro. Em 1983, pela última vez, é chamado a dar aulas em Florença. No ano passado, Junho de 1986, fez questão de estar presente em Collonges, aquando do encontro do Comité de Pesquisas Bíblicas da Divisão Euro-Africana, do qual é membro honorário. No mês seguinte, teve ainda a oportunidade de fazer uma pregação numa igreja do sul da França.

O PRESENTE

Desde Outubro do ano passado, Alfred Vaucher encontra-se de novo na Califórnia, em casa da filha, que o trata com desvelo. Ele tem um programa regular para leituras, orações, passeios, refeições ligeiras, e deita-se por volta das 9 horas da noite.

A família e amigos que vivem na América festejaram o seu centenário no dia 22 de Março, em Glendale. Os amigos da Europa estão fazendo pla-



Em 1980, no decurso de uma entrevista à revista «Signes des Temps»

nos de o reverem no dia 20 de Junho em Collonges, para um programa especial, aquando do encontro de aposentados.

As últimas páginas desta vida bem cheia estão ainda longe de ser escritas. Desejamos que possam ser ainda longas e serenas. Mas, seja qual for a sua duração, Alfred Vaucher pode já dizer, chegando ao limiar da eternidade: «Cumprí a minha tarefa; não resisti ao chamado para o trabalho que marcou a minha existência. Senhor, Tu conheces

todas as coisas. Sabes que, apesar das minhas faltas e fraquezas, eu procurei honestamente fazer o meu melhor com os talentos que me concedeste. Dediquei-Te os meus esforços. Permite que as minhas obras me sigam, a fim de que não tenha trabalhado em vão. Continuo ao Teu dispor, porque desejo continuar a ser útil. Anseio ser um aluno diligente na escola universal do Mestre dos mestres, para viver a continuação da história da salvação.»



*Méry Revel Vaucher
mãe de A. Vaucher, na época
em que ele foi baptizado*



*Catherine Revel
avó de A. Vaucher*

OS AVÓS. Catherine Revel (1830-1930) domina, pela sua fé, os começos da obra Adventista em Itália, bem como a infância de Alfred Vaucher. Adepta de um pequeno grupo ligado ainda ao Despertamento Valdense, ela era um terreno favorável à pregação de Czechowski. Quando compreendeu a verdade do Sábado, começou a observá-lo, com seu marido Barthélémi. Mas este não conseguiu suportar a zombaria da vizinhança e acabou por proibir que Czechowski entrasse em sua casa. Por essa razão, a esposa só muito mais tarde pôde receber o baptismo, mas continuou fiel à verdade que conhecera e deu sempre testemunho da sua fé. Ela constituiu o núcleo inicial da igreja de Torre Pellice, representando a sua alma ardente durante numerosos anos. Fez o que pôde para que a filha, Méry, casasse com um adventista. Infe-

lizmente, ambas foram enganadas com as boas palavras de Jules-Alfred Vaucher, consentindo no casamento. Quando este se rompeu, Catherine encarregou-se da educação de Alfred durante a infância. Inculcou-lhe o amor pela verdade, enraizada na leitura diária da Bíblia, e as virtudes que formaram a base do seu carácter. Entre os dois, devido à sua longevidade, foram muitas vezes testemunhas e intervenientes de toda a história do adventismo em diversos países da Europa.

A MÃE. Méry (um documento menciona-a como Marie-Catherine) Vaucher (1859-1946) assistira às reuniões de Czechowski sem compreender grande coisa, mas seguira a mãe na sua nova fé, tendo permanecido fiel até ao fim da sua vida. Havia um primo valdense que a cortejava, mas a mãe receava um casamento com um não-adventista, tanto mais que ela fora baptizada havia pouco. Jules-Alfred Vaucher, um jovem relojoeiro cujo namoro com a filha de Albert Vuillemier tivera de terminar devido a dois testemunhos recebidos de Ellen G. White, pensava que a família Revel era rica e propôs casamento a Méry. E. White advertiu Catherine e sua filha e enviou-lhes uma cópia da tradução francesa dos dois testemunhos. Vaucher fez crer que a tradução não era fiel, que lhe tinham acrescentado coisas e que, de toda a maneira, ele já se havia convertido depois disso. Pouco convencida, Catherine escreveu ainda a B.L. Whitney, para Basileia, a fim de saber a sua opinião. Este encarregou

Edouard Borle de traduzir a sua carta, na qual desaconselhava o casamento.

Terá ele sido mal compreendido ou mal interpretado? A verdade é que a mensagem que elas receberam dizia que avançassem. E o casamento fez-se. Mais tarde, Whitney admirou-se de não terem seguido os seus conselhos e o mal-entendido tornou-se evidente. Mas era demasiado tarde. Durante a longa permanência de Méry em Battle Creek, onde obteve um diploma de massagista, Méry sonhava para o filho um sólido diploma universitário e um cargo de ancião de igreja. Centrando nele uma ternura possessiva, ela desejava que ele nunca se casasse e, provavelmente, que vivesse para sempre com ela. Mas, tal como sua mãe, Méry continuou a estimular a religiosidade em Alfred Vaucher, contribuindo para a formação do seu carácter e assumindo todas as responsabilidades de chefe de família.

O PAI. Jules-Alfred Vaucher (1959-1914), relojoeiro suíço, namorava em segredo Elisa, filha de Albert Vuillemier. Recebeu de E. G. White um primeiro testemunho, redigido a 16 de Dezembro de 1885 e uma outra mensagem, bastante mais severa, alguns dias mais tarde. O seu carácter dictatorial e o seu egoísmo eram postos a nu e ele era, em certo sentido, declarado inapto para o casamento. (Estes testemunhos foram parcialmente publicados, sem destinatário e com algumas modificações, nas revistas *Les Signes des Temps*, de 7 e 21 de Janeiro de 1886, e na *Review and Herald*, de 26 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1886, e em *Mensagens aos Jovens*, p. 443-451.) Vaucher voltou-se então para Méry Re-

vel, que acreditava ser relativamente rica, e obteve a sua mão. Após o casamento, sem dizer nada à mulher, procurou pedir dinheiro emprestado ao sogro (4 000 libras) para pagar dívidas antigas e estabelecer-se por conta própria na sua profissão. O sogro recusou. Ele, então, passou a fazer cenas violentas à mulher, censurando-a por não ter influenciado o pai. Injuriou-a, chamou-lhe mentirosa, inútil, ... e acabou por intimá-la a voltar para a sua família. Mas foi ele quem a abandonou para partir para o Egipto. Quando regressou, ligou-se primeiro com uma jovem, da qual teve dois filhos, depois com outra, prometendo-lhes sempre casamento. Entretanto, a mulher pediu o divórcio, o qual foi pronunciado na Suíça, em Fevereiro de 1894. Foi-lhe também confiado o filho, ficando o pai obrigado a dar-lhe uma pensão, o que ele quase nunca fez. Em 1914, Jules Vaucher enviou da América Central um postal ilustrado ao filho, com as seguintes palavras: «Agarra-se ao que eu perdi: a fé.» Algumas semanas depois, suicidou-se. Alguns anos mais tarde, Alfred Vaucher teve ocasião de ler os testemunhos de E. G. White dirigidos a seu pai, e disse: «É o retrato perspicaz e verdadeiro do meu pai. A minha fé sentiu-se fortalecida por esse facto.»

A ESPOSA. Emma Rochat Vaucher impressionou Alfred Vaucher logo no seu primeiro encontro. Quando pediu a sua mão, o pai, que contraíra uma dívida por ter ficado como fiador dum irmão adventista, pôs como condição esperar três anos, dizendo que a filha lhe era indispensável no trabalho. Tal como Jacob, que esperara pela sua Raquel, Alfred fez a mesma experiência. Às vezes, quando se encontrava em Vevey, depois da

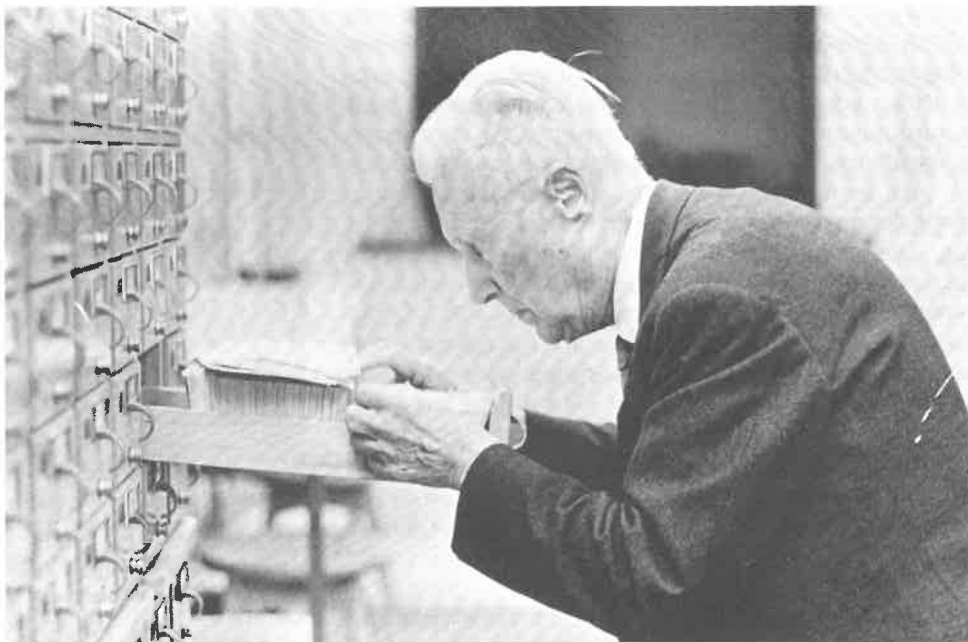


*Emma Rochat Vaucher
por volta de 1920*

reunião de domingo à noite, montava na sua bicicleta e chegava a Bienne no dia seguinte de manhã, apenas para ver a sua Emma, porque não podia perturbá-la no seu trabalho. Após o casamento, em 1910, Emma aceitou, sem nunca se queixar, as difíceis condições materiais a que foi submetida. Era o amor perfeito, o entendimento total. Ela velava por Alfred como um anjo da guarda. Embora o não tenha acompanhado nas suas pesquisas intelectuais, ela representava para ele o oásis da paz, o apoio constante, o suporte afectivo e prático que lhe permitia dedicar-se por completo ao seu ministério e às suas pesquisas. A. Vaucher gracejava muitas vezes sobre o casamento, mas, como diz com perspicácia W. Ruf, seu antigo aluno, «era para se vingar de ser tão feliz no casamento». Se Alfred Vaucher estabeleceu o seu domicílio em Gland, é porque Emma aí está enterrada. E se muitas vezes pediu ao Senhor que o tomasse, é, em certa medida, para minorar uma longa espera: a do reencontro com a sua Emma na eternidade.

A VOCAÇÃO. Aos nove anos, Alfred Vaucher ouviu distintamente um apelo para entrar na Igreja e na Obra. Respondeu: «Na Igreja, sim; na Obra, não», porque tinha aceitado o ideal de sua mãe para ele. Aos treze anos, após ter assistido às conferências de Joseph Curdy, teve um sonho em que viu as cenas do juízo universal e ouviu de novo o apelo, muito solene. No dia seguinte, de manhã, sem consultar ninguém, escreveu ao pastor e pediu para entrar na Igreja e na Obra. Foi baptizado em Torre Pellice, por volta de Outubro de 1900, nas torrentes do Angronha, engrossado pelas chuvas. Em Outubro de 1903, entrou na Obra e sempre aí permaneceu, constantemente activo e útil ou desejoso de sê-lo. Aos 90 anos, escreveu numa carta: «Tenho um grande desejo de trabalhar enquanto for dia para mim.»

OS ESTUDOS. À parte cinco anos de escola primária, três anos de instituto técnico, seis meses de curso bíblico em Paris e algumas aulas, como ouvinte, em universidades, foi sozinho que Alfred Vaucher adquiriu os seus enormes conhecimentos. Ao lado de obras tipicamente adventistas e das que caracterizavam a herança valdense, Vaucher sentiu-se muito atraído pe-



Na biblioteca da Universidade de Andrews

los grandes autores protestantes de expressão francesa do século XIX. Ressentindo a falta de estudos regulares, esforçou-se por colmatar essas lacunas, estudando com entusiasmo. Durante a juventude, passava noite sim noite não a estudar. Punha em cima da mesa quatro ou cinco livros diferentes e, quando se sentia cansado, mudava de livro. De manhã, por volta das oito horas, deitava-se um quarto de hora e a seguir recomeçava a estudar. Além da sua objectividade intelectual, a sua formação autodidacta inspirou-lhe uma permanente modéstia, que o levava a apresentar os diferentes argumentos sem exprimir a sua opinião. Era mais impellido pela história do que pela teologia. Nas suas obras, ele apresentou ideias e doutrinas dum ponto de vista histórico. As suas pesquisas tiveram um carácter quase exaustivo. Para o Manual sobre Daniel, ele consultou mais de 700 autores. Para ele, a vida identificou-se, em grande medida, com a actividade intelectual numa perspectiva espiritual e ele teria certamente deixado de viver se o seu cérebro tivesse perdido o vigor.

A BÍBLIA. Foi na Bíblia que Alfred Vaucher aprendeu a ler. E toda a sua vida manteve o hábito de ler todos os dias a Palavra de Deus. Em Turim, à noite, após ter terminado os deveres escolares, mergulhava avidamente na leitura e meditação das Escrituras. Ainda hoje, ele recorda com saudade essas ho-

ras de êxtase tranquilo e reflectido. A Bíblia continua a ser uma companheira fiel, a sua inspiração de todos os dias, a base essencial da sua formação. Um dia, já de idade avançada, a um amigo que lhe perguntava o que podia descobrir ainda na Bíblia, dado que a conhecia tão bem, ele respondeu: «Quanto mais a leio, mais me dou conta do pouco que conheço do Deus eterno, e vivo».

AS BIBLIOTECAS. A partir da sua permanência em Roma, em 1903, as bibliotecas constituem para Alfred Vaucher o centro de interesse de cada cidade. Para a sua obra sobre Lacunza, ele fez pesquisas em mais duma centena de bibliotecas. No decurso da sua existência, ele teve oportunidade de visitar as principais bibliotecas de um grande número de países europeus, nos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina e Austrália. Tem ainda o cartão de leitor de meia centena de prestigiosas bibliotecas do mundo inteiro, incluso dos Arquivos secretos do Vaticano. Pouco a pouco, ele adquiriu também uma impressionante biblioteca pessoal, que legou ao Seminário de Collonges. Os que tiveram oportunidade de observá-lo foram inevitavelmente impressionados pela sua leitura rápida, que lhe permitia descobrir em milhares de páginas os pormenores que procurava. Quando ele entrava numa biblioteca, ia direito ao catálogo e impunha-se a si mesmo trabalhar sobre o tema pelo qual tinha ido, mas to-

mava notas de outras obras interessantes e reservava-as para futuras pesquisas. A partir da abertura do Seminário de Collonges, em 1921, Alfred Vaucher foi o seu primeiro bibliotecário. Foi, aliás, à sua própria custa que o núcleo central da biblioteca foi constituído. E a seguir, em cada mês, ele pôs sempre de parte 100 F, do seu salário, durante 15 anos, para ajudar nas necessidades desta biblioteca em lenta via de formação. E para não encontrar a porta fechada, como tantas vezes lhe acontecera, conseguiu obter uma chave pessoal desta biblioteca.

O ENSINO. Alfred Vaucher teve sempre duas paixões: aprender e ensinar. Sempre pôs à disposição de todos os que o ouviam ou liam tudo quanto tinha aprendido. Ainda criança, era ele que explicava aos colegas as lições que eles não compreendiam. Mesmo como evangelista, ajudou muitas vezes os estudantes a compreenderem as suas lições. Mas foi no curso bíblico de Nîmes, em 1920, que, conforme conta, ele descobriu que o dom do ensino era «o único dom» que lhe fora concedido. E sempre preparou conscienciosamente as suas lições. Ele guarda ainda no seu quarto em Gland, os resumos de numerosas aulas, passados à máquina e conservados em dossiers negros. Dado que frequentemente foi obrigado a mudar de matérias a ensinar, ele muitas vezes esgotou-se intelectualmente para ficar ao nível que a sua consciência lhe im-

punha. E muitas vezes cumpriu isso em condições muito difíceis. O Pastor Vaucher tinha o dom de suscitar e manter o interesse dos estudantes. A sua erudição, o carácter exaustivo das suas numerosas buscas, a sua abertura de espírito, o respeito pelos textos e a sua honestidade intelectual criavam à sua volta um prestígio inigualado, uma atmosfera de lenda, que ele aliviava com um humor tão subtil quanto inesperado. Mas, apesar da autoridade dos seus vastos conhecimentos, ele preferia ensinar a pensar, a basear a fé em opções pessoalmente escolhidas com conhecimento de causa. Essa abertura de espírito permitiu à maioria dos seus estudantes começarem a voar com as suas próprias asas e estabelecerem solidamente os alicerces da sua fé, sabendo pessoalmente em quem criam e porquê. Gerações de estudantes, de professores e pastores devem a Alfred Vaucher o fogo sagrado do estudo sério, objectivo, documentado. F. Charpiot confessou que Alfred Vaucher lhe tinha «inculcado o vírus da profecia», da qual jamais se tinha curado. A pregação de Alfred Vaucher foi caracterizada pelas mesmas qualidades do seu ensino, porque ele ensinou muito a pregar. Todavia, também não deixou de exortar e de apelar às vontades: sabendo reflectir, semeou nas consciências a aspiração de seguir a Cristo.

O TRADUTOR. Alfred Vaucher conhece perfeitamente o francês e o italiano; compreende muito bem o inglês, embora o fale com menos espontaneidade; compreende também o espanhol e bastante o alemão; além disso, estudou grego e hebraico. Traduziu muitas obras de inglês para francês, às vezes ditando a tradução. Também traduziu frequentemente em público. Em 1979, numa pregação em Sidney, para um grupo franco-italiano, falou em italiano, traduzindo-se a seguir, frase a frase, para francês.

A VIDA DE FAMÍLIA. Muitas vezes em viagem — houve um ano em que esteve fora de casa mais de 300 dias — ou muito ocupado pelos seus estudos, Alfred Vaucher não pôde dedicar à família todo o tempo que teria desejado, mas procurava compensar a quantidade pela qualidade. Quando em viagem, escrevia diariamente à mulher e enviava postais para os filhos. E na volta, trazia sempre lembranças

para todos. É também proverbial a paciência com que ajudava os filhos nos trabalhos escolares. E ainda hoje eles se lembram de um livro sobre canibais, do qual ele lhes lia um capítulo todas as noites. E cantava os hinos da igreja com eles, às vezes ensinando-lhes novos cânticos. «Nada de extraordinário», dirá alguém. Claro, só que é bom saber que ele era e praticava em família aquilo que ensinava e pregava em público.

ASSUNTOS FINANCEIROS. Até uma idade bem madura, Alfred Vaucher teve de contentar-se com condições materiais bem modestas, porque os salários da época eram bastante baixos. Basta dizer que um jovem relojoeiro, só com a escola primária, recebia por semana o que um pregador ganhava num mês. Mas Alfred Vaucher foi sempre muito parcimonioso nas suas despesas: quando em viagem, só ia para pensões modestas e andava muitas vezes a pé, mesmo distâncias bastante longas, comia sobretudo fruta. Mas quando se tratava de viagens de pesquisas e de livros, aí era talvez pródigo demais. Sua mulher, um dia, apresentou-lhe para jantar, um livro dentro de um prato, com faca e garfo! E foram os hábitos de economia que lhe permitiram ser discretamente generoso em relação a alguns estudantes e jovens obreiros.

A SAÚDE. Poucas pessoas teriam acreditado que Alfred Vaucher chegaria aos 100 anos. Em 1916, o Dr. Conrad declarou-o tuberculoso. Vaucher aceitou o veredito, despediu-se da vida e dos amigos no Sábado, 23 de Setembro, na igreja do Chalet de La Lignière e foi para Leysin com a mulher. Mas, finalmente, continuou a viver e os médicos chegaram à conclusão de que ele sofria apenas de uma depressão nervosa, pelo que foi autorizado a voltar para Paris. Por causa das pressões do trabalho, Alfred Vaucher teve alguns esgotamentos. Em 1946, foi operado à prostata e teve várias flebitis. A partir de certa altura, as suas bronquites tornaram-se crónicas. E desde 1975, tem feito várias operações a um cancro atrás da orelha, ou recebido tratamento por cancro da pele. Assim o irmão Vaucher tem tido o seu quinhão de sofrimento. Não foi em doçura que chegou ao centésimo ano. Mas o seu senso do dever e o seu amor ao trabalho, sustido pelo Alto, têm-no ajudado a permanecer sempre útil.

O LADO PRÁTICO DA VIDA. Embora tivesse passado a meninice no campo, Alfred Vaucher nunca aprendeu as artes agrícolas. Tudo quanto sabia era cortar ervas com uma foice. Porém, os filhos lembram-se da grande agilidade com que trepava às árvores e andava de bicicleta. Uma vez, quase morreu de esgotamento ao atravessar em bicicleta o desfiladeiro do grande S. Bernardo, ainda coberto de neve, para assistir ao nascimento de um dos filhos. Quando muito jovem, e mais tarde, após o falecimento da esposa, Vaucher muitas vezes cozinhou as suas refeições que, aliás, sempre foram extremamente simples. Já tinha 68 anos quando aprendeu a guiar, pois foi então que recebeu um automóvel de presente. E ainda aproveitou bem para as suas pesquisas! Confessava, porém, que quando fazia mais de 500 Km por dia, se sentia fatigado. Mas o seu grande exercício, durante toda a vida foi a marcha. Algumas quedas, devido a longas marchas, acabaram por fazê-lo aceitar os conselhos de prudência, mas em Agosto do ano passado, ainda subiu ao Salève, «pela última vez», e desceu por um atalho, para não chegar atrasado a uma reunião. Pensou que morria de cansaço, mas, segundo disse, este era um desejo de há longo tempo.

OS DITOS ESPIRITUOSOS E AS CONFISSÕES. Por natureza, mas também por necessidade pedagógica, Alfred Vaucher embelezava muitas vezes a sua conversação, e sobretudo as suas aulas, com ditos espirituosos e até sarcásticos, que os seus alunos perpetuaram religiosamente, recordando a sua época. Eis alguns exemplos: «O meu nome de família é Vaucher, que às vezes escrevo *Vau (t pas) cher*. [O trocadilho em jogo é que «Vaucher» pode significar «vale caro», se se ler o *r* final. Ao colocar o *t*, obrigatório na 3.ª pessoa de valer (valer), e a partícula *pas*, Vaucher queria dizer que «não valia caro», isto é, que ele era sem valor.

Outros dos seus ditos:

* «Toda a minha ciência está nas minhas fichas.»

* Alfred Vaucher escreveu um artigo para o *Echo du Salève*, com o título de «Sou um burro».

* Dizem-lhe que uma pessoa se vai casar. Reacção de Alfred Vaucher: «Ah, sim? Contra quem?»

* A propósito do casamento: «Cada panela tem a sua tampa.»

* Durante o namoro, o rapaz, ao ouvir a noiva, tem a impressão de ouvir um violino Stradivarius; mas depois do casamento, a maioria das vezes o que ele ouve é uma grafonola.»

* Um dia, ao entrar numa aula, encontra um macacão de peluche em cima da sua secretária. Pergunta calmamente: «Quem colocou aqui o seu retrato?»

* Uffia outra vez, desarma os estudantes, cheios de frio por falta de aquecimento, e diz: «Abram as janelas. Está aqui um odor de teologia!»

* Perguntam-lhe: «Os conselhos são sempre inspirados? Responde: — Nem sempre, dado que um deles me nomeou director do Seminário de Collonges.»

* «Sou pessimista por natureza e optimista por experiência (dado as inúmeras intervenções de Deus que tive ocasião de observar)».

* Um professor diz aos estudantes de Collonges: «Estou à vossa disposição 24 horas por dia. Vocês podem sempre procurar-me quando tenham algo a dizer-me e mesmo que não tenham nada a dizer.» Relatam estas palavras a Vaucher que, por sua vez, oferece também os seus préstimos. Usa exactamente as mesmas palavras, mas modifica a parte final: «... e se nada tiverem a dizer, vão ter com o outro professor.»

A SALVAÇÃO. Eis como Alfred Vaucher respondeu à pergunta: «Acha que está salvo?» Conheço muitos cristãos que tenho a certeza de que estão salvos, mas que pensam que, por humildade, vale mais dizer: «Espero-o!» Todavia eu acho que temos o direito de ter esta certeza, se para isso tivermos feito o que devemos. Eu sei em quem tenho crido; sei que Aquele que começou a Sua boa obra em mim, a terminará. Não é, pois, orgulho ou presunção, se não me apoiar nas minhas qualidades, virtudes ou méritos, mas sobre os méritos de Cristo. Se eu confessar hoje os meus pecados, obtenho perdão, sou salvo. Não há nenhuma dúvida. Só não estaria salvo se fosse um hipócrita, se não abandonasse alguns vícios, alguns pecados. Mas se eu disse ao Senhor «Eis-me aqui, sou Teu: tudo o que sou e tudo o que tenho deponho aos Teus pés. Perdoa as minhas faltas e as minhas deficiências», então estou salvo (...) disso não tenho qualquer dúvida.» (II Mensageiro Adventista, Novembro de 1979).

A obra de ALFRED VAUCHER

GEORGES STÉVENY

Muitos estudiosos podem, sem qualquer hesitação, ser situados em determinada corrente de pensamento ou pesquisa. Tal não é o caso de Alfred Vaucher. Interrogado sobre quem o poderia ter influenciado, aponta dois nomes: François Gausson e Frédéric Godet. Mas penso que poderíamos acrescentar Frommel, a quem dedicava particular estima. A verdade, porém, é que Alfred Vaucher é antes de tudo um autodidacta. Embora sensível ao pensamento dos outros, nunca poderia ser apontado como discípulo de alguém. Desde o início, possuía a craveira de um mestre.

A sua obra seguiu menos um plano pré-estabelecido do que as necessidades quotidianas. Nascido para professor, e vivendo para ensinar, ele teve, todavia, de adaptar-se, muitas vezes, às exigências dos programas. Mas, uma vez que assim a sua obra se revestiu dum carácter global, nós acabámos por beneficiar dessa sua adaptação, porque todos os aspectos da teologia foram alvo da sua atenção, sem que ele caísse jamais na superficialidade. Sempre a mesma clareza, sempre a mesma profundidade, o mesmo rigor na interpretação da Palavra de Deus, sempre o cuidado severo de ser um intérprete fiel.

Todavia, tentando situar a teologia de Vaucher nas grandes correntes do século, eu evocaria de boa mente um certo parentesco com Óscar Cullmann, o único de quem, de facto, o podemos aproximar, a despeito de grandes diferenças de método e de linguagem. O próprio título da obra, cuja 4.^a edição saudamos com alegria, a *Histoire du Salut* [História da Salvação], reveste-se de decisivo significado. É como uma bandeira que anuncia uma posição. Para ele, a doutrina bíblica, dogmática, não é uma teoria, mas uma história.

Não um conto, nem um mito, mas uma série de factos autênticos, uma história no sentido forte do termo, e onde sobressai a figura de Cristo. Ele o diz claramente: O Cristianismo é a pessoa de Jesus Cristo.

De facto, Alfred Vaucher cita Cullmann na introdução da última edição do seu livro: «Todo o Novo Testamento repousa sobre a ideia de que Deus está à obra numa sucessão de acontecimentos de forma a trazer salvação aos homens.»¹

Notemos, contudo, que a afirmação de Cullmann data de 1966. E Vaucher

escolheu o título do seu livro há mais de 40 anos, pois a 1.^a edição da *Histoire du Salut* apareceu em 1921. Está, pois, fora de questão evocar uma influência de Cullmann. Trata-se antes dum parentesco à posteriori. Mas merece ser mencionado, dado que toca o cerne das grandes discussões teológicas do séc. XX. Enquanto Bultmann abandona a historicidade da Bíblia em favor dum aspecto existencial — que ele chama de desmitologização —, Cullmann pensa que a Bíblia já fez uma obra de desmitologização e insiste sobre o seu carácter histórico. É independentemente do leitor e da sua fé que o evento divino se tornou evento. A história da salvação é uma sucessão de eventos, cujo ponto culminante é a ressurreição de Cristo.

Vaucher cita outra declaração que resume bem o pensamento de Cullmann e se enquadra perfeitamente no seu: «Seria possível esquematizar da seguinte maneira esta história da salvação: Deus criou o mundo, bem como o homem. Instituiu-o como soberano sobre toda a criação, mas a queda e sua consequência, a morte, que estabeleceu o seu domínio sobre a Terra, tornaram necessária uma história da salvação que, segundo o plano divino, se desenvolve por



No dia do seu centésimo aniversário, ao receber a 4.^a edição do seu livro «Histoire du Salut»

períodos que fazem aparecer os dois princípios de eleição e de substituição como os dois princípios directores desta história: a eleição do povo de Israel para salvação da humanidade, a eleição dum resto deste povo, representante da totalidade deste povo, a eleição de um homem único, o Servo de Deus sofredor, que toma sobre si os pecados do mundo, a eleição de Jesus Cristo, cuja morte na cruz e ressurreição constituem o centro da história da salvação. A partir de agora, o curso desta história toma um rumo inverso: deixa de ir da pluralidade à unidade, mas vai da unidade à pluralidade dos salvos». ²

Numa breve, mas substancial introdução, Alfred Vaucher diz o essencial sobre a Bíblia, documento da revelação divina, graças à inspiração teopneústica. A Palavra de Deus é, de facto, colocada ao nosso alcance, a despeito dos mensageiros humanos que a transmitiram. Trata-se, sem dúvida, de uma revelação vertical absoluta e não duma tensão humana mais ou menos hábil em direcção a Deus. Estamos longe das ideias em moda hoje em dia.

Seguem-se então, sete partes, que apresentam o Autor da salvação, o seu objecto, a sua preparação, cumprimento, realização individual, realização social e consumação. Partindo de Deus e da criação, segue o drama da queda e a epopeia da salvação operada por Cristo, para contemplar, finalmente, o horizonte, simultaneamente longínquo e tão próximo, do grande estabelecimento escatológico.

Como eu próprio escre-

vi no prefácio desse belo livro, ele oferece-nos uma verdadeira suma teológica. Todas as linhas-mestras da Bíblia são aí explicadas. Além disso, o florilégio das citações é de tal modo rico que nos familiarizamos com os nomes dos melhores teólogos. Também a estrutura do livro me agrada particularmente. A apresentação em lições facilita a memorização e dá ao conjunto uma disposição altamente pedagógica.

Vários temas, dentre os mais importantes, foram desenvolvidos em brochuras separadas, as quais teriam tomado a forma de livros se as possibilidades financeiras tivessem permitido uma impressão mais arejada. Mas o importante é que essa matéria está disponível. Cobre assuntos-chave, tais como o baptismo, a Santa Ceia, a imortalidade da alma, o decálogo, o dia do repouso, o dia senhorial, o santuário, o anticristo, o juízo, o adventismo. E encontra-se sempre o mesmo método: a história da interpretação leva o autor a propor a sua própria explicação. Um bom modelo parece-me ser a brochura intitulada «Le problème de l'immortalité» [O problema da Imortalidade], de 112 páginas, onde se vê como as claras águas da revelação divina foram pouco a pouco misturadas com as águas lamacentas da especulação pagã. Eis algumas linhas da conclusão: «Há incompatibilidade entre a doutrina bíblica da ressurreição do homem e a hipótese pagã da imortalidade da alma. ...A teologia da imortalidade da alma humana, afirmada por Tertuliano, exposta por Agostinho, encontrou a

sua fórmula definitiva em Tomás d'Aquino. Não foi adoptada como dogma eclesiástico senão em 1513, no 5.º concílio de Latrão. Martinho Lutero reencontrou a verdade evangélica da vida em Cristo. Voltou à ideia bíblica do sono dos mortos e, desta maneira, restituiu todo o seu valor à doutrina da ressurreição.» ³

Se a dogmática, no seu conjunto, ocupa o pensamento de Alfred Vaucher, verdade é que na mira das suas pesquisas esteve também, e sempre, a escatologia. Neste aspecto, o seu talento aparece em plena luz. Fica-se, simplesmente, siderado pela quantidade de trabalho realizado, que, aliás, não teria o mesmo resultado sem o auxílio de um agudo sentido de pesquisa, espécie de sexto sentido, no meio de tantos milhares de páginas compulsadas. Quantas vezes, nos meus contactos com ele, tive disso espantosa demonstração.

Deste ponto de vista, o seu interesse vai nitidamente para as profecias apocalípticas, merecendo o livro de Daniel todo o seu fervor e entusiasmo. Aos meus olhos, Vaucher é um dos grandes especialistas mundiais do livro de Daniel. Não sob o aspecto da exegese, mas quanto à história da interpretação, onde fez descobertas interessantíssimas. Assim, na brochura *Até quando Senhor*, que é um ensaio sobre Daniel 8:13, 14, publicada em 1973, ele escreve: «Foi pouco depois da morte do abade Joaquim que pela primeira vez, na literatura cristã, os 2.300 dias foram calculados como outros tantos anos. O tratado «De Semine Scripturarum» [Da Semente das Escrituras]

foi falsamente atribuído a Joaquim» (p.15).

No decurso das suas investigações neste domínio, Vaucher descobriu o livro de Lacunza, ao qual haveria de dedicar um sábio estudo, publicado em 1941, com o título: *Uma Celebridade esquecida, o P. Manuel de Lacunza y Diaz, da Companhia de Jesus, autor de «A Vinda do Messias em Glória e Majestade»*. Este livro está dividido em três partes. A primeira trata da escatologia em geral e tem uma importante dissertação sobre o milénio; a terceira descreve a volta de Cristo, o juízo e os novos céus; a segunda, de longe a mais importante, tanto numericamente (65% do livro) como qualitativamente, passa em revista algumas profecias apocalípticas.

A interpretação de Lacunza não deixa de surpreender-nos em vários aspectos e leva-nos a tomar certas distâncias. Temos de lamentar que ele tivesse «confundido o reino temporal e celeste de Cristo com o reino eterno que Deus estabelecerá sobre a Terra quando os mil anos terminarem. Todavia, ele tinha razão ao assinalar como ponto de partida para este reino a próxima parousia...» (p. 129). Além do mais, devemos ser-lhe gratos por «ter feito cessar a confusão do Reino de Deus e da Igreja, a qual remonta a St. Agostinho e a S. João Crisóstomo, mas que é absolutamente contrária ao ensino bíblico» (p. 130). Fica-se, também, admirado com a audácia com que ele identifica a Babilónia apocalíptica com a Roma do sec. XVIII, tanto mais que considera a Igreja como uma verdadeira mãe, diri-

gindo-lhe comoventes sú-
plicas. E Alfred Vaucher
conclui: «O Pe. Lacunza
tem direito a ser colocado
na primeira fila dos cris-
tãos que amam a vinda do
Senhor» (p. 132). Neste
domínio, ele foi para o
Catolicismo o que Bengel
foi para o Protestantismo.

Vaucher publicou ainda
quatro preciosas brochuras
sobre este tema, com
o título de *Lacunziana*. Aí
se encontra o fruto de
aturadas pesquisas a propó-
sito das profecias de
Daniel e Apocalipse. A úl-
tima apresenta uma multi-
dão de informações sobre
o milenarismo (doutrina
dos milénios), verdadeira
recensão das interpreta-
ções no decurso dos sé-
culos.

Como, porém, passar
em silêncio a célebre pro-
fecia das 2300 tardes e
manhãs? Quase todos os
problemas suscitados nos
últimos anos aí são exa-
minados e, quanto a mim,
resolvidos de maneira sa-
tisfatória. Assim, os *Últi-
mos Ensaio*s, publicados
em 1984, mostram que a
explicação dos pioneiros
adventistas sobre o juízo
investigativo era plena-
mente fundamentada. Os
pesquisadores contempo-
râneos enriqueceram o re-
sultado no plano exegéti-
co, mas sem modificar
muito a explicação final.

Uma palavra a propósi-
to do «evangelho do rei-
no». As opiniões dos teó-
logos modernos divergem
entre si quanto à natureza
do reino e quanto à ma-
neira e época do seu esta-
belecimento. As propos-
tas correspondem mais
ou menos às grandes teo-
rias escatológicas:

* escatologia realizada,
de C.H. Dodd, [o reino já
veio];

* escatologia intemporal,
de R. Bultmann, [o

reino é subjectivo, quer
Cristo venha, quer não,
isso não altera nada];

* escatologia temporal,
de W. G. Kummel e de O.
Cullmann [o reino com-
porta uma dimensão inte-
rior, já presente, mas
também uma realização
histórica, ainda esperada].

Também aqui a posição
de Vaucher se aproxima
da de Cullmann. Por isso,
a *história da salvação* não
é apenas uma coisa pas-
sada, que diga respeito
apenas aos historiadores,
mas é ela que confere à
Bíblia um valor eminentemente
actual e futuro, on-
de tanto a fé como o co-
nhecimento estão impli-
cados. Pelo nosso primei-
ro nascimento, pertence-
mos à história; pelo nosso
segundo nascimento,
pertencemos à história da
salvação.

A noção de «reino de
Deus», directamente as-
sociada à volta de Cristo,
está omnipresente na
obra de Vaucher, na qual
constitui uma ideia de for-
ça. Além das lições dedi-
cadas ao tema da história
da salvação, há dois estu-
dos que merecem realce.
O primeiro intitula-se «O
Reino de Deus», e apare-
ceu na 3.^a série dos *La-
cunziana*, publicada em
1955. Sem negligenciar o
aspecto moral actual, o
autor preocupa-se em
orientar o olhar do cristão
para a realização futura e
total das promessas bíbli-
cas. O reino é essencial-
mente escatológico. A
controversa passagem de
Lucas 17:20 e 21 fica cla-
ramente explicada. Jesus
declarou «O reino está em
vós» ou «no meio de
vós»? Os exegetas estão
divididos. Contra a pri-
meira tradução, faz-se va-
ler que Jesus não pode
ter anunciado aos fariseus

que o reino estava *neles*.
A segunda tradução pare-
ceria impôr-se. Jesus te-
ria dito: O reino está no
meio de vós, existe já, es-
tá ao vosso alcance, pre-
sente na própria pessoa
de Jesus e Seus discípulo-
s. De facto, esta inter-
pretação é extremamente
interessante. Porém, a
preposição grega *entos*
não significa *no meio de*,
mas *dentro de*. É Goguel
quem resolve a questão:
«A palavra de Jesus diri-
ge-se contra uma concep-
ção judaica segundo a
qual o facto de se encon-
trar no lugar em que o rei-
no será manifestado per-
mitiria nele entrar. É pre-
ciso, portanto, com-
preendê-la no sentido em
que, quando o reino vier,
aquilo que determinará
entrar-se nele ou não, não
é o facto de alguém se en-
contrar em tal sítio, mas
unicamente as disposi-
ções dos corações, aquilo
que estiver em cada um.
Em aramaico, a língua em
que Jesus falava, a mes-
ma forma exprime simul-
taneamente o presente e
o futuro». E Vaucher con-
clui: «Assim, compreendi-
do, o versículo 21 har-
moniza-se com o versícu-
lo anterior...» (p. 26).

No segundo estudo,
publicado com o título
«Dois ensaios sobre a
profecia bíblica», discute-
-se o significado de Ma-
teus 24:34: «Em verdade
vos digo que não passará
esta geração, sem que to-
das estas coisas aconte-
çam.» Tem-se procurado
dar à palavra *geração* um
sentido inusitado, como,
por exemplo, de *raça hu-
mana, nação judaica, a
criação, os discípulos de
Jesus* em geral ou a *Igre-
ja*. Tais interpretações são
inadmissíveis, conclui
Bonnet, citado por Vau-
cher.⁴ Este sentido natu-

ral e óbvio é o único váli-
do. A palavra aparece 16
vezes nos Sinópticos e
designa invariavelmente a
geração que teve o privi-
légio de conhecer Jesus.
Então, o período em
questão não mais se pres-
ta a confusão. Trata-se da
ruína de Jerusalém e não
da parousia. O contraste
impressionante entre o
versículo 34 e o 36 é deci-
sivo. Sob pena de colocar
Jesus em oposição consi-
go mesmo, estas duas
afirmações contrárias têm
de referir-se a aconteci-
mentos diferentes. Por
consequente, é preciso
ler: «Esta geração não
passará até que estas coi-
sas se tenham cumprido
(fim de Jerusalém); mas
quanto a esse dia e a essa
hora, ninguém o sabe,
nem os anjos do céu, nem
o Filho, mas somente o
Pai (fim do mundo)».

Especificando a nature-
za do reino, Vaucher pri-
vilegia a sua dimensão es-
catológica. Mas elimina
toda a tentação de predi-
ção cronológica. Os sinais
do fim dos tempos sur-
gem diante dos nossos
olhos, e temos de viver
esta proximidade da pa-
rousia sem, contudo, ce-
der a especulações de
qualquer espécie. Assim
compreendida, a escato-
logia dá todo o seu valor à
história da salvação. É a
sua conclusão lógica e
maravilhosa. E o mérito
de Alfred Vaucher é ter
sabido mostrá-lo clara-
mente.

Assim, também a sua
obra entra na história.

Notas

1. OSCAR CULLMANN, *Le Salut dans l'histoire*, Neuchâtel, 1966, p. 125.

2. OSCAR CULLMANN, *Le retour du Christ, espérance de l'Église, selon le Nouveau Testament*, Neuchâtel, 1943, 1945, p. 13.

3. ALFRED VAUCHER, *Le Problème de l'Immortalité*, S. d. T., 1957, p. 50.

4. ALFRED VAUCHER, *Deux essais sur la prophétie biblique*, Collonges-sous-Saïev, 1969, p. 30.

O professor Alfred Vaucher deixa em todos os que tiveram o privilégio de ser seus alunos, a recordação de um homem de espírito constantemente atento e de um pesquisador incansável. Ele conseguiu, por preceito e exemplo, inculcar em muitos deles o gosto pelo estudo aprofundado. E contudo, nunca perdia de vista o alcance prático do seu ensino. O seu objectivo primordial era formar verdadeiros cristãos, bem preparados para a sua missão de testemunhas do Mestre.

Transcrevemos, a seguir, alguns testemunhos que exprimem o apreço e o reconhecimento de antigos alunos do professor Alfred Vaucher.

Alfred Vaucher tem sido meu amigo desde 1927, quando, pela primeira vez, travámos conhecimento em Paris. Nesse tempo, este estudioso inato e experimentado obreiro (que então tinha 40 anos) foi para mim de grande auxílio, não só no aspecto do estudo da língua francesa, mas também pelas oportunas explicações quanto ao meio académico francês, no qual eu estava dando os primeiros passos.

Já passaram 60 anos, os primeiros 28 dos quais em estreito companheirismo. Vaucher tornou-se o exemplo notável das consequências teológicas A.S.D., através das suas pesquisas mundiais sobre Lacunza e sobre o livro Daniel, e com a sua Histoire du Salut. Este livro depois de mais de 50 anos, é ainda o meu «tribunal da última instância» em muito do meu ensino. Trata-se, efectivamente, de um compêndio teológico A.S.D. inigualável.

Por isso, Alfred Vaucher é hoje um dos nossos mais notáveis professores, pastores e dirigentes espirituais. De facto, ele trabalhou ainda como presidente de uma associação, mas o seu sonho era o estudo e o ensino. Havia até quem pensasse que ele tinha uma certa insensibilidade pelo dom presidencial. Certa vez, foi-me pedido para sondar Alfred Vaucher sobre o assunto. «Oh, disse ele, pereça o pensamento da irreverência! Quando me encontro com um presidente ou alguém em autoridade, curvo-me com todo o respeito; quando me encontro com alguém que é verdadeiramente inteligente e um dirigente, curvo-me e permaneço curvado!»



ALFRED VAUCHER um professor inesquecível

Isto revela a verdadeira grandeza de Alfred Vaucher. Motivações misturadas nunca poderiam caracterizar a sua conduta. Ele avança concentrando-se sempre no essencial, conhecendo a diferença, não apenas academicamente, entre assuntos maiores e menores.

Que esta espécie de grandes amigos possa continuar a viver e a multiplicar-se.

Walter Raymond Beach, secretário da Conferência Geral, aposentado, e antigo presidente da Divisão Sul-Europeia (hoje Divisão Euro-Africana).

Foi meu privilégio ter sido aluno do pastor Vaucher, em Collonges, em 1953-54. Através do seu ministério do ensino, ele influenciou um grande número de pastores e obreiros, para um serviço profícuo na Causa do Senhor.

Pessoalmente, estou muito grato ao Pr. Vaucher pela sua preciosa contribuição na formação intelectual e espiritual de obreiros. Neste caso particular, são bem apropriadas as palavras e Daniel 12:3: «Os que a muitos ensinam a justiça refulgi-

rão como as estrelas, sempre e eternamente.»

Edwin Ludescher, presidente da Divisão Euro-Africana

Se existe nas nossas fileiras um homem excepcional, esse homem é, sem dúvida, Alfred Vaucher. Jovem ainda, já ao serviço da Igreja Adventista, o seu horário estava tão sobrecarregado que não tinha qualquer momento livre. Preparar um diploma universitário estava fora de questão. O título de doutor 'honoris causa', altamente merecido, consagra o seu trabalho profundo, frequentemente roubado às horas de sono.

Perfeito autodidacta, cuja obra é disso garante, basta percorrê-la para avaliar a extraordinária quantidade de trabalho que ela representa. Todavia, esse resultado não teria sido possível sem um agudo sentido de pesquisa, espécie de sexto sentido, que lhe permitia descobrir o essencial, contido às vezes em breves linhas, no meio das milhares de páginas compulsadas. E quantas vezes eu tive disso inequívoca prova, nos meus contactos com ele, de que re-

sultaram numerosas clarificações, no domínio da história das ideias, onde provou ser mestre.

Deste ponto de vista, a pesquisa sobre a imortalidade da alma pode ser citada como exemplo. Mas a mais extraordinária continua a ser, aos meus olhos, o estudo dedicado às interpretações de Daniel 8:14, que se pode qualificar de exaustiva.

Georges Stéveny, secretário da Divisão Euro-Africana.

A Histoire du Salut, de Alfred Vaucher, é já um clássico da literatura adventista de língua francesa. Serviu para a minha formação teológica pessoal, bem como para a de centenas de estudantes. Milhares de membros de igreja a usaram, também, para aprofundar os seus conhecimentos bíblicos.

Ao longo dos anos e das sucessivas edições, o texto envelheceu um pouco. Mas graças à longevidade do autor, em breve sairá uma 4.ª edição, revista e rejuvenescida, que alegrará todos os que amam o estudo sistemático da Bíblia.

Jean Zurcher, antigo presidente do Seminário Adventista e Secretário aposentado da Divisão Euro-Africana.

Quando recordo as aulas do ir. Vaucher, uma lembrança domina todas as outras, e essa é o seu vigor intelectual. Ele nunca afirmava aquilo que não podia provar pela Bíblia. Apresentava as soluções possíveis, dava-nos a sua opinião sobre uma ou outra, mas deixava-nos o cuidado de tomar a nossa posição. Às vezes, bem teríamos gostado que ele nos livrasse de embarço e fizesse a escolha. Mas isso, ele não fazia. O seu método de ensinar foi para mim um exemplo, tão importante para o meu ministério como o próprio ensino. Por isso, estou-lhe profundamente grato.

Pierre Lanarés, fundador da revista Conscience et Liberté e secretário-geral-adjunto para a Defesa da Liberdade Religiosa.

Alfred Vaucher, professor durante cerca de 60 anos, no Seminário Adventista de Collonges, influenciou várias gerações de pastores e teólogos. As suas pesquisas sobre Lacunza constituem um modelo para qualquer sábio. E são sempre citadas com respeito. O manual

de doutrina Histoire du Salut constitui ainda hoje um ponto de partida para quem quiser dedicar-se ao estudo da teologia bíblica.

A biblioteca da Faculdade Adventista de Teologia tem o nome de Alfred Vaucher. Este nome é para ela um símbolo: de integridade e esforço, de fidelidade na pesquisa da verdade.

Richard Lehmann, deão da Faculdade Adventista de Teologia, Collonges-sous-Salève.

Muitos obreiros portugueses tiveram também o privilégio de ser alunos do Pr. Vaucher. Eis alguns testemunhos que pudemos recolher:

Outubro de 1948!

Éramos um casal pleno de ventura pelo privilégio daquele convite da União Portuguesa, que nos levou ao Seminário de Collonges. Conosco o nosso filhinho Jorge, de 5 anos de idade.

Fazíamos o nosso primeiro contacto com o estrangeiro. Normais problemas e dificuldades de adaptação, logo após a nossa chegada ao Colégio, foram facilmente superados pela perspectiva de uma melhor preparação para o serviço do Mestre.

Mas naquela sexta-feira, a segunda da nossa estadia ali, eu, que ainda não tinha conseguido praticar uma higiene habitual e necessária (estava residindo nos Sources, dormitório de rapazes), decidi dirigir-me ao Parque (residência das meninas) onde pensei que me seria possível, em maior tranquilidade, tomar o meu banho de imersão. Parecendo que ninguém reparava em mim ali, aguardei o que julgava ser a minha vez de entrar no gabinete para o banho.

Foi nessa altura que uma jovem, aluna como eu, me fez sentir que no Parque não havia lugar para mim. Para provar a sua razão, e tinha-a certamente, foi chamar a vice-preceptora que, em palavras e tom desagradáveis, me fez sentir que o meu lugar era no edifício dos Sources, onde deveria acomodar-me como pudesse, e para lá me remeteu banhada em lágrimas.

Alertado pelo acontecimento, o meu marido dirigiu-se ao Director, Professor Vaucher, pedindo uma solução para aquele problema: a necessidade da higiene que as circunstâncias me privavam de fazer.

Vaucher quase se limitou a escutar.

Felizmente que na manhã seguinte, a manhã de Sábado, o Culto estava ao seu cuidado. Culto inolvidável foi aquele! Que apelo ao amor cristão, tão irradiação de todos nós! Amor para com o estrangeiro, longe da sua Pátria, do seu lar, que vinha a Collonges palpitante de esperança e de alegria em busca dum maior conhecimento para melhor servir!

Era o culto do verdadeiro Pastor, que sabe conduzir as ovelhas, por vezes tão rebeldes, do seu rebanho.

Saindo da igreja, fui cumprimentada e cumprimentei com o sorriso que apagou as lágrimas e as tristes recordações da véspera.

Foi para mim a primeira grande lição de Collonges: lição do amor que nos leva a compreender que na vida nem tudo é tudo como nós queremos e imaginamos.

Obrigada, Pastor Alfred Vaucher!

Maria Augusta Pires
assistente pastoral

De 1949 a 1951, o Pastor Alfred Vaucher foi meu professor de várias disciplinas, no Seminário de Collonges.

Que homem, que professor, como nós nos sentíamos bem nas as suas aulas!

Professor e Pastor, duas atitudes que ele conseguia conciliar com mestria. Como poliglota, nós, portugueses, podíamos fazer as nossas provas escritas em português. Era um verdadeiro pai, companheiro e amigo e sempre tinha para cada um, um sorriso e um bom conselho. Era o seu trato afável e humor aberto que fazia com que as suas aulas fossem as mais apetecíveis.

Como pastor, foi excelso; a sua espiritualidade, o seu talento humanista cativavam a mente e o coração.

Para mim, a mais grata recordação foi ter sido aluno deste fabuloso teólogo, sem dúvida o maior da Europa, e com muita humildade. Pronuncio o seu nome com o maior respeito. Obrigado Mestre!

Manuel Laranjeira, pastor

Não fui dos que tiveram o privilégio de tratar muito de perto e durante muito tempo com o prof. Alfredo Vaucher, mas, apesar disso, guardo dele uma imagem relativamente clara e precisa.

Do convívio que tive com o prof. Vaucher conservo na lem-

brança alguns traços que lhe eram característicos e que o tempo não conseguiu dissipar na minha lembrança. Era um homem simples, sereno, sincero. Era uma pessoa de trato afável com toda a gente. A sua voz serena e vagarosa soava sempre como um convite e nunca como uma imposição. Sempre me pareceu um homem sincero, convicto, tolerante, respeitador da liberdade dos outros. Alguém com quem se podia dialogar, discordar, duvidar. Penso que ele conhecia bastante bem a alma humana, no que ela tem de sublime e, particularmente, na dimensão negativa. Talvez por isso ela procurasse um espaço de vivência onde todos podiam entrar e talvez bem poucos conseguissem penetrar.

Há vários anos que não o vejo. Penso que não terá mudado muito. Provavelmente os anos acentuaram a sua maneira de estar na vida. Vaucher foi certamente muito mais do que escrevi mas foi certamente um homem e um professor que, chamado por Deus, se tornou uma grande bênção na Igreja Adventista.

José de Matos, pastor

Um dos grandes privilégios que o Criador concedeu ao humano foi a possibilidade de, em qualquer momento da sua existência, recuperar dados do pretérito que, por terem sido suficientemente relevantes, deixaram marcas na potencialidade da sua memória.

E graças a esse privilégio que rebusco uma vivência decorrida num espaço afastado — Collonges — e num tempo igualmente distante — o ano lectivo de 1952/53 —, para enfocar o Homem a quem a RA dedica a presente publicação.

Não seria meu desejo repetir aquilo que certamente outros antigos alunos do Irmão Alfred Vaucher, que colaboraram neste número, já referiram. Deixarei simplesmente, nestas humildes linhas, o testemunho da grande admiração que senti pelo pedagogo logo a partir das primeiras aulas da matéria que ele ministrava, admiração que não veio a ser alterada ao longo de todo o tempo que desfrutei do seu ensino.

Essa admiração tem forçosamente de passar pela sua sabedoria, sabedoria que motivava a racionalização correcta dos pontos mais difíceis da Fé e que satisfazia plenamente a sede de conhecimentos. Recordo que, devido ao meu imaginário bem

pouco disciplinado naqueles tempos de menina, experimentava por vezes a evasão da atenção durante as horas lectivas; e recordo igualmente o enorme esforço de autodisciplina para não perder o contacto com a sabedoria das suas exposições, considerando, já na altura, ser perda incolmatável o não acompanhamento das mesmas.

Mas, era a primeira vez que me submetia a um programa cujo arranque antecipava, em algumas horas, o aparecimento do Sol e, em artigo aparecido nesta mesma Revista, há algum tempo atrás, da autoria da minha colega daqueles dias, tive de me reconhecer como sendo a tal aluna que, adormecida em plena aula, o Professor Vaucher trata com a sua natural tolerância, falando mais baixo, não vá a «criança» acordar!

E este incidente, embora simples, possibilita a passagem da minha admiração para uma das variáveis implícitas à sabedoria, quando verdadeira — a sua bondade. Com efeito, não só o sábio, mas também o amável pedagogo se articularam sempre em todas as suas aulas, criando a atmosfera propícia à aprendizagem proposta, aprendizagem que produzia os verdadeiros frutos na alma.

Costumamos celebrar o centenário do nascimento de pessoas que, por deixarem atrás de si uma vida que iluminou a outros, se tornaram célebres. Mas, na maior parte dos casos, são celebrações póstumas. O Senhor nos concedeu a benção de estar em vida aquele que desejamos homenagear.

Caro Senhor Professor Vaucher, queira aceitar a minha singela homenagem, expressa em Língua Portuguesa, e, ao fazê-lo, recordo com gratidão a bondade que demonstrou quando propunha aos seus alunos portugueses a utilização da Língua materna do nosso país para a realização dos nossos trabalhos escritos.

Abro o Manual de sua autoria, que nos serviu de base de estudo nas nossas aulas, releio alguns sublinhados correspondentes às partes que o Professor relevou e extraio: «A palavra humana não cria nada; ela apenas traduz as impressões que as coisas existentes produzem em nós.» E assim creio: a minha palavra nada criou; ela só desejou traduzir, muito sumariamente, a boa impressão que a sua existência continua a produzir em nós, impressão que nos fica da iluminação que recebemos do seu ensino e da inspiração que

nos veio pela contemplação do seu modo de estar no mundo!

María Rosa Saboga Nunes antiga assistente pastoral da igreja de Lisboa e professora do ensino secundário

Fui aluno no último ano de leccionação do prof. Vaucher, e já num período suplementar do seu ministério, pois já estava jubilado, com 79 anos de idade. Era em 1967. No final desse ano lectivo, assisti à festa do 80.º aniversário, onde se congratularam professores, alunos e dirigentes da Divisão. Não pensava então que pudesse vir a participar no assinalamento dos 100 anos do maior teólogo adventista europeu.

E ao assinalar esta efeméride não posso deixar de recordar a personagem, o professor, o cristão A. Vaucher, que para além do seu fino trato, e perspicácia no ensino, era também um homem de um profundo humanismo cristão, de uma grande compreensão para com as dificuldades de seus alunos tão heterogêneos na sua cultura e nacionalidade. Assim, nos testes escritos, ele sempre propunha: «Podem escrever na língua que quiserem (desde o francês ao italiano, do português ao espanhol, do alemão ao inglês etc.) desde que seja uma língua civilizada.» Isto era revelador não só da sua compreensão, mas, também, da sua cultura e civilização, que marcaram uma época na teolo-

gia adventista europeia e mundial, de que a sua *Histoire du Salut* é bem o exemplo do mestre que aprendeu tudo do Grande Rabi da Galileia. Que Deus o abençoe!

Daniel Simões Silva, pastor

Foi, também, meu privilégio ter sido aluna do Pr. Vaucher. Embora já aposentado, ele vinha frequentemente ao Seminário, dava o seu curso de 2 horas, as primeiras da manhã.

Recordo o seu muito saber, como se esforçava por nos interessar, por provocar questões ou objecções, pois, como dizia, «queria obrigar-nos a pensar».

Sentíamos que o seu ensino era fruto de profunda convicção e experiência.

Mas a minha melhor recordação é o seu lado profundamente humano, a bondade que irradiava da sua pessoa doce e serena, e o seu espantoso sentido de humor, que era, aliás, proverbial entre os teologandos.

Um dia, o Ir. Vaucher começou assim o estudo do livro de Job: «Este livro coloca-nos diante do problema do sofrimento. Quando se fala de sofrimento ou de amor, todos estão atentos, porque todos querem evitar o primeiro e usufruir o segundo!»

E, de facto, nesse dia, todos estavam atentos...

M. Rosa Baptista

UM APELO

No princípio de 1986, pensando já neste número especial, mas visando ainda mais longe, dirigi ao Ir. Vaucher o seguinte pedido: «Durante mais de 80 anos, o Irmão estudou, procurou, pesquisou, publicou. As pessoas leram-no e apreciaram-no. Mas apenas um número bem restrito dos seus alunos seguiu o seu exemplo. Gostaria que me enviasse um breve artigo, que representasse, em primeiro lugar, o seu testamento espiritual e intelectual, e que, simultaneamente, constituísse um apelo à nova geração, a fim de que muitos sigam as suas pisadas. As condições de hoje são mais favoráveis do que no tempo da sua juventude, mas faltam-nos visão, fôlego e inspiração. Falta, também, perseverança. Tenho a certeza de que tal mensagem está latente em si, talvez até inconscientemente. Não é urgente. Deixe amadurecer o seu apelo, no conteúdo e na forma, a fim de que ele resuma o impulso da sua existência. Chegado ao centésimo ano, pode falar com o distanciamento e a convicção que a reflexão impõem.»

Contrariamente aos seus hábitos, o Ir. Vaucher hesitou em responder, como se pressentisse a armadilha. Pela sua modéstia, e talvez até por pudor diante de qualquer sombra de manipulação das consciências, acabou por recusar. Conhecendo-o como o conheço, devia de saber

que era o que aconteceria. Todavia, parece-me que da sua existência emana uma força que merece não se deixar estiar. Contando com a indulgência do nosso amigo, mas esperando, também, ser ouvido por alguns, ouse eu próprio, embora acanhadamente, formular da sua parte algumas frases que ele, certamente, teria escrito melhor.

Meus jovens amigos, vós que tendes agora entre os 12 e os 65 anos! Talvez que para vós eu não seja senão um nome numa outra época, uma relíquia cujos traços parecem fora de uso. Conjurro-vos todavia, a ouvirem o meu apelo, resultado de um século de experiências com Deus.

O Senhor é bom, as Suas mensagens são verdadeiras e a felicidade eterna está ao vosso alcance. Estais dispostos a fazer parte do plano da salvação? Cem anos mal bastam para começar. Exortovos a fazer de cada minuto da vossa vida um tesouro, a usar utilmente o vosso tempo e a vos dedicardes inteiramente ao serviço do Mestre. A Verdade ainda não foi toda descoberta e o que se descobriu ainda não foi transmitido ao mundo. Procurai por vós mesmos, buscai, cavaí, chegai à fonte. E a seguir, partilhai... O conhecimento de Deus é a vida eterna. Procurai conhecê-lo e depois, por

vossa vez, dai-O a conhecer.

O Senhor estará sempre convosco, se tão-somente Lho permitirdes. Sei isso por experiência. Vi-o e vivi-o. E sei que Ele vos conduzirá. Vós sois talvez a geração que não morrerá: vivei então o privilégio de ser obreiro com Deus, com entusiasmo, com intensidade, numa total entrega de vós mesmos. *Segui a Cristo até ao fim*, e um dia haveis de descobrir que *estais para sempre com Ele*.

E vós, meus jovens amigos, que começais o vosso período de reforma! Embora tendo dedicado ao Senhor os anos oficiais da vossa carreira, não caíam na armadilha de pensar que alguém se pode contentar com o passado, ou que existe uma categoria de reformados do Espírito. Os anos de ouro da vossa vida estão ainda à vossa frente. Agora têm o tempo, os meios, os conhecimentos e a sabedoria para realizar projectos para os quais nunca tiveram vagar. Vós representais valo-

res seguros da Igreja e é convosco que ela conta para assegurar a continuidade na fidelidade. Há ainda tanto por fazer! Tanto por descobrir! Durante a eternidade, continuareis a aprender, a trabalhar. Porquê, parar agora, na Terra? O Senhor deu-me a graça de publicar mais livros depois de reformado do que durante o serviço «activo». Ele tem, talvez, para vós, trabalhos ainda mais importantes, se tão-somente Lhe derdes oportunidade! E se toda a actividade parece excluída, por causa das enfermidades da idade, ainda vos resta a oração, e podeis sempre orar. O mundo tem necessidade do ministério da oração. Ao unirdes as vossas mãos, estareis aproximando a Terra do Céu. E o dia virá em que estarão totalmente unidos em Cristo. Vai ser em breve. Até à vista, lá em Cima!

P. Copiz



Lendo a 4.ª edição da «Histoire du Salut»

A Sorte de Laodiceia

GEORGES STÉVENY

Desde 1856, a Igreja Adventista reconheceu, na descrição da carta a Laodiceia, o seu próprio estado. De Novembro de 1856 até ao fim de 1857, apareceram na *Review and Herald*, 348 artigos a este respeito. Isto é um traço de clarividência e humildade. Mas, por esse mesmo facto, põe o problema do futuro da Igreja.

Apocalipse 3:16 lê-se geralmente: «Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.»

A questão é saber se se trata apenas duma ameaça, isto é, duma eventualidade, ou se a decisão está já tomada e é irrevocável. No primeiro caso, uma conversão da Igreja implicaria uma atitude de benevolência da parte de Deus, suspendendo a ameaça; no segundo, as almas sinceras teriam que sair de Laodiceia do mesmo modo que são chamadas a sair de Babilónia.

Todos os autores denunciam a extrema severidade da sétima mensagem. Alguns vão mesmo ao ponto de pretender que é a mais dura de todas. Todavia, todos se comprazem em reconhecer, também, a doçura e a insistência do apelo ao arrependimento. O problema, então, é saber se a conversão pode ter lugar no seio da Igreja e com ela, ou sem ela, e talvez contra ela.

Se se ler Apocalipse 3:16 no texto grego, vê-se imediatamente que o verbo «vomitar» não está conjugado no futuro simples. O autor serve-se duma estrutura frásica que se deve traduzir literalmente: «Estou a ponto de te vomitar» (Estou prestes a, quase a).

A tradução literal é, aliás, encorajada por todo o seguimento da carta.

1. «Aconselho-te que de mim compres ouro, provado no fogo, para que te enriqueças, e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez, e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas» (versículo 18).

Observemos, em primeiro lugar, a delicadeza da recomendação. Não é o tom de um juiz já sem paciência. Nem tão-pouco é uma ordem, mas um conselho. Descobrir nessas palavras ironia seria falsear a mensagem. O desejo de persuadir é bem visível. A Igreja não sabe que é desgraçada, miserável, pobre, cega e nua. Decerto que a ignorância não serve de desculpa. Mas, pelo menos, é uma explicação e como que uma constatação de honestidade. «Não sabes!» Tu não estás a representar uma sórdida comédia de hipocrisia, mas tens de tomar conhecimento de como as coisas são, e eu vou-te dizê-lo, mesmo que isso te custe a ouvir.

Notemos, sobretudo, o objectivo do conselho: substituir a pobreza pela riqueza, a nudez por vestidos brancos e a cegueira por uma visão clara. Por outras palavras, tudo o que falta é satisfeito, os defeitos são corrigidos, o mal desaparece.

Deve ainda especificar-se que o conselho se dirige à Igreja, e não a alguns escapados como que por milagre. Dar-se-á o caso de, simultaneamente, ser pronunciado um veredicto contra ela? Nesse caso, a carta apresentaria uma estranha incoerência.

2. «Eu repreendo e castigo a todos quantos amo». Esta tradução também tem de ser corrigida. Com efeito, o apóstolo João emprega o verbo grego *paideuô* e não *Kola-*

zô. O último significa bem castigar, mas tal não é o caso do segundo. *Paideuô* vem da palavra *pais*, criança, e designa a educação. Se a correcção é, por vezes, inevitável, ela tem sempre um objectivo positivo. Não se trata de uma acção justiceira, no sentido de um ajuste de contas, nem da supressão definitiva do mal, que o verbo *Kolazô* sugere, o qual se liga por parentesco a *Koptô*, cortar, suprimir. (Ver Mateus 25:46).

É certo que o verbo *elegchô*, repreender, é sério. Significa censurar e corresponde bem ao que se disse antes. Todos sabemos que a pior maneira de educar é fechar os olhos ao mal. Tal não é o caso d'Aquele cujos olhos são como chamas de fogo. Ele vê, fala, põe o dedo na ferida. Mas para curar! Deste ponto de vista, o verbo repreender é magnífico, porque significa censurar e tomar de novo. Cristo censura a Sua Igreja, corrige-a. Mas mantém firmemente, como doce certeza, a esperança de a ver emendar-se e desenvolver-se. De resto, o versículo 19 tem uma conotação bíblica bem conhecida. Volta sempre ao bom conselho. Por conseguinte, novo argumento contra a interpretação catastrófica do versículo 16, reforçado pelo lugar do verbo amar na frase grega: «Eu, aqueles que amo, os repreendo e educo.»

3. «Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo» (versículos 19 e 20).

Alguém disse que nunca se deveria tocar neste versículo, de tal maneira ele é belo, luminoso, límpido, comovente. Mas muitos são aqueles que não foram capazes de

resistir. A maior parte reteve a interpretação mística como a que melhor exprime o pensamento. Apesar do Seu desejo de vomitar os mornos, Jesus bate à porta do seu coração, porque Ele veio para salvar os pedidos. Se abrimos a porta, Ele entra e ceia connosco, tal como fez com Marta; e nós com Ele, como fez Maria. Toda a advertência, censura e ameaça na Palavra de Deus, ou da parte dos Seus mensageiros, é como uma pancada batida à porta do coração; é a voz de Jesus, pedindo para entrar.

4. «Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo, no meu trono, assim como eu venci, e me assentei com meu Pai, no seu trono» (versículo 21).

De todas as promessas que pontuam as cartas às igrejas, esta é a mais notável. Será demais dizer que ela é vertiginosa? Como podemos nós conceber, nós que não somos senão pó, nós cuja trágica fraqueza foi dramaticamente descrita pelo apóstolo Paulo, como conceber que um dia estaremos assentados com Cristo no trono de Deus? É algo que ultrapassa tudo quanto se pode imaginar. Uma tal promessa, feita a vomitados seria de tal modo inconstante que a mensagem perderia

tudo o significado.

5. Não é inútil acrescentar que a sétima carta não comporta qualquer censura sob o plano doutrinário. Os ensinamentos perversos ou perigosos dos Nicolaítas, de Balaão e de Jezabel não a mancharam. Nenhuma queixa a este respeito, como a Pérgamo ou Tiatira. A igreja de Laodiceia continua a cumprir a sua missão como «coluna e firmeza da verdade» (I Tim. 3:15). Que pena que o comportamento daqueles que a constituem não seja mais consequente!

Podemos concluir com L. Bonnet: «Dado que o Senhor acrescenta aqui um conselho (v. 18), mais tarde uma exortação (v. 19), e finalmente promessas (v. 20 e 21), é preciso que a condição da igreja de Laodiceia não seja absolutamente desesperada e que a ameaça do versículo 16 tenha ainda como objectivo despertá-la... Àquele que Lhe abre a porta com amor, Ele faz experimentar um antegosto dessa ceia celestial, dessa nova Ceia da Igreja dos resgatados ao celebrarem as núpcias do Cordeiro.» A proclamação do profeta Jonas à corrupta cidade de Nínive era menos matizada e muito mais directa. E todavia, a conversão dos pecadores não deixou de modificar a advertência. Não se pode,

sob pena de trair o espírito de profecia, concluir de modo diferente a propósito de Laodiceia.

Poderíamos citar inúmeras declarações da irmã White neste mesmo sentido. Eis duas para terminar:

«Embora os pretensos discípulos de Cristo estejam num estado deplorável, eles não estão, todavia, numa situação tão desesperante como aquela em que se encontravam as virgens loucas... O conselho da Testemunha Fiel subentende que os mornos têm esperança. Resta uma chance de remediar o mal; a mensagem a Laodiceia está cheia de encorajamento...» — R.H. 28 de Agosto de 1894.

«Declarou o Senhor que a história do passado se repetirá, ao começarmos a obra finalizadora. Cada verdade por Ele dada para estes últimos dias deve ser proclamada ao mundo. Cada coluna que Ele ergueu deve ser fortalecida. Não podemos agora descer dos fundamentos que Deus estabeleceu. Não podemos agora entrar para qualquer organização nova; pois isto significaria apostatar da verdade.» — 1905, Notebook Leaflet, «The Church», n.º 1, transcrito em *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 363.

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

Moçambique: Entrevista de Jacky Chevrier, Representante da ADRA

Jacky Chevrier, director da ADRA-Moçambique, deu uma entrevista à rádio Moçambique, de Maputo. O tema foi: O que é a ADRA? Origem, ligação com a Igreja Adventista, e objectos desta organização, agora instalada em Moçambique.

A emissão, de 20 minutos, foi integralmente transmitida no Sábado 7 de Março às 20h30. Vários anúncios, gravados de véspera, foram sendo apresentados ao longo do dia, chamando a atenção para esse programa.

A mesma emissão foi retransmitida com tradução simultânea de português para inglês para os habitantes e moçambicanos que vivem em países limítrofes: África do Sul, Zâmbia, Zimbábue, Tanzânia e Malawi. Por outro lado, a 12 de Março, apareceu no único diário de Moçambique, *notícias*, um artigo que resumia essa entrevista, o que teve certo impacto junto de diversas pessoas, que manifestaram o desejo de conhecer melhor a ADRA.

A 16 de Março de 1987, o mi-

nistro de justiça de Moçambique convocou o director da ADRA-Moçambique para uma audiência privada de cerca de meia hora e fez questão de feli-

citar e renovar o seu desejo de cooperar com a ADRA-Moçambique, a fim de facilitar o seu trabalho no País.

Paris: 800 Jovens Dizem: «Amo-te»

Pela primeira vez na Divisão Euro-Africana, jovens entre os 16 e 30 anos, de 15 igrejas Adventistas, na área de Paris, reuniram-se cada noite para uma Semana de Oração e Evangelismo, de 14 a 21 de Março do corrente ano. O lema era «Amo-te»

Foi organizado um programa

especial muito atractivo, com cânticos, diapositivos, testemunhos e baptismos.... A assistência foi aumentando noite após noite, de 450 para os 800 jovens que se reuniram no último Sábado.

Muitos exprimiram o desejo de ter uma semana destas todos os anos.

O pregador convidado foi John Graz, director da Juventude da Divisão Euro-Africana. A organização desta Semana Especial coube a Bertrand Clavier.

A pedido dos jovens, as mensagens apresentadas foram gravadas estando agora à disposição de quem o solicitar através da Voz da Esperança francesa.

Auxílio às Vítimas de Chernobyl

O número de Dezembro de 1986 da revista *Tell* traz uma no-

tícia interessante: refere um auxílio enviado pela Conferência

Geral, do Fundo de Emergência, para auxílio às vítimas do acidente nuclear de Chernobyl, no valor de \$25 000 dólares.

Chernobyl, na Ucrânia, fica no coração da maior concentração de membros adventistas na U.R.S.S. Só na região de Kiev há 11 igrejas adventistas e em toda a Ucrânia há 169.

Embora os dirigentes da Igreja não tivessem conhecimento de vítimas directas entre os Ad-

ventistas do Sétimo Dia, estes devem encontrar-se entre aqueles que se prevê serem futuras vítimas de cancro devido às radiações.

Por outro lado, este primeiro envio foi feito sem quaisquer indicações quanto aos que dele iriam beneficiar e será distribuído pelo Ministro dos Assuntos Religiosos sem ter em conta considerações de ordem religiosa.

Madrid: A Igreja Adventista torna-se membro da Federação das Entidades Religiosas Evangélicas da Espanha

A 20 de Fevereiro de 1987, a Federação das entidades religiosas evangélicas de Espanha recebeu como membro a União das Igrejas Cristãs Adventistas do Sétimo Dia de Espanha.

Esta Federação tem por ob-

jectivo conceder representação oficial às principais Igrejas e grupos evangélicos de Espanha. As Igrejas Baptistas, Pentecostais e Darbyistas são também membros da referida Federação.

Madrid: Segurança Social para os Pastores Adventistas

O jornal oficial da república espanhola, no seu número de 10 de Março de 1987, publicou o texto da lei votada a 2 do mesmo mês, a qual incluía os

pastores adventistas no regime da Segurança Social. Até então, entre os eclesiásticos, só os padres católicos beneficiavam deste sistema especial.

Troféu para dois Videos Adventistas

Duas produções da Conferência Geral, Departamento de Comunicações, foram distinguidas com «Certificado de Excelência Criativa» na apresentação dos prémios internacionais do Festival do Filme Industrial dos E. Unidos.

Na categoria de «recrutamento», o video *Takoma Academy Promotional* (Promoção da Escola Secundária de Takoma) apresentava cenas de estudantes a dizerem porque gostavam do seu liceu. O prémio recebido foi partilhado com trabalhos de fotógrafos da General Motors e do Banco Morgan de Nova Iorque.

Na categoria de trabalhos para

«recolha de fundos», o video *Washington Adventist Lend-A-Hand 1985*, em que os empregados do próprio hospital explicavam a razão porque participavam na recolha de fundos, dividiu o prémio com a companhia de seguros Allstate Insurance.

«Dado que a chave para o êxito de um filme industrial é a sua eficácia em dar uma mensagem aos espectadores a que se destina, 50% da pontuação do júri incide sobre a clareza e eficácia, enquanto os restantes 50% pontuam a criatividade, a qual inclui o guião, a fotografia e a realização», declara o Regulamento e Critérios do Festival



A. Vaucher, no dia do seu 100.º aniversário

UMA REACÇÃO DE ALFRED VAUCHER

No dia a seguir ao seu centésimo aniversário — que teve lugar a 22 de Março do corrente ano — e após ter lido um dos numerosos artigos que evocavam a sua vida, Alfred Vaucher escreveu ao autor desse artigo:

«Li com atenção o seu longo artigo. O irmão não faz de mim o retrato tal como sou, mas tal como deveria ser. A sua amizade fechou os olhos para os meus defeitos e fez-lhe ver em mim as qualidades que eu deveria possuir. É todo um programa a realizar o que

me propõe, uma escada a subir. Dado que o Senhor na sua bondade me oferece um extra de vida, vou esforçar-me, com a Sua ajuda, se não de alcançar o objectivo, pelo menos de me aproximar dele (...)

«Enfraqueço gradualmente. A minha surdez incomoda-me. Suponho que é o meio escolhido pelo Senhor para me manter na humildade. Não posso deixar de agradecer-Lhe por isso. (...)

«Alegra-me poder voltar a vê-lo em Collonges, se Deus me mantiver em vida até lá.»

do Filme Industrial. De acordo com a própria brochura que anunciava os galardões, «Poucas honras são mais significativas do que ser considerado o melhor entre os seus pares da indústria.»

Os dois filmes video foram produzidos e dirigidos por David Brillhart, do *Studio Services* do Departamento de Comunicações da Conferência Geral. O operador de câmara foi Larry Bothe.

«O *Studio Services* foi criado para produzir cassettes de video informativas e de elevada qualidade educacional para a Conferência Geral, seus departamentos e serviços», explicou o director de Comunicações Robert Nixon. «Estamos muito contentes e orgulhosos por algumas das nossas primeiras produções terem sido colocadas a par de produções dos gigantes da terra, em indústria, seguros e Bancos.»

U.S.A.: Adventista Homenagiado em Hollywood

Jean Weidner, chefe do núcleo Dutch Paris que salvou centenas de Judeus durante a perseguição nazi, foi mais uma vez alvo de homenagem nos Estados Unidos. Em Maio do ano passado, recebeu o prémio da célebre associação humanitária «Cidade de Esperança», no decurso de uma impressionante cerimónia realizada em Hollywood.

Jean Weidner, oriundo de uma velha família adventista e ele mesmo activo membro de

igreja, declarou ao receber o prémio: «É preciso perdoar, mas não devemos esquecer os grandes horrores cometidos, para que não se tornem a repetir.»

A história do Ir. Jean Weidner encontra-se no livro de Carole Rittner, *Le Courage d'Aider* (A Coragem de Ajudar), prefaciado pelo prémio Nobel Elie Wiesel. A autora narra a história de 10 pessoas que, na Europa, ajudaram os Judeus durante a Segunda Guerra Mundial.



Piloto do Voyager estudou numa Escola Adventista

Dick Rutan, co-piloto da aeronave *Voyager* que recentemente revolucionou as técnicas de voo, foi aluno da escola secundária adventista Dinuba Junior Academy. A notícia foi dada pelo director da escola, Paul Bonney, que declarou: Rutan e outros membros da sua família frequentaram a escola secundária entre 1951 e 1956, incluindo Burt Rustan, que é irmão de Dick e foi quem desenhou os planos desta extraordinária aeronave.

O *Voyager* (na foto) é o primeiro avião a dar a volta ao mundo sem paragem para abastecimento. Segundo a revista *AOPA Pilot*, órgão oficial dos Possuidores de aviões e da Associação de Pilotos, Rustan tem princípios rígidos no que se refere a aceitar apoios ou patrocí-

nios. Recusou, por exemplo, apoios de fabricantes de cigarros e de bebidas alcoólicas.

CURSO DE DOCTRINA

— para membros de Igreja —

2-16 DE AGOSTO DE 1987

NO COLÉGIO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

2.º Ano 1987

- I — O Antigo Testamento e a arqueologia
- II — História da nossa Igreja
- III — Correntes religiosas contemporâneas
- IV — Estudos sobre o livro de Apocalipse

PREÇO DA INSCRIÇÃO: 1.000\$00

PREÇO DE ALIMENTAÇÃO E QUARTO: 8.000\$00

CONVOCATÓRIA

De acordo com o parágrafo 1.º do Artigo 6.º dos Estatutos desta União é convocada a Assembleia-geral ordinária para os dias 1 a 5 de Julho de 1987, na sua Sede em Lisboa, Rua Joaquim Bonifácio, n.º 17, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciação dos Estatutos.
2. Eleição do Conselho Director para o próximo período
3. Tratar de todos os assuntos propostos pelas Igrejas.

O Presidente

Joaquim Alegria Morgado

ASSEMBLEIAS DA UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Lema: *É a hora de colher!*

PROGRAMA

Quarta-feira, 1 de Julho

- 19h00 — Reunião da Comissão Preparatória
- 21h00 — Sessão de Abertura

Quinta-feira, 2 de Julho

- 8h30 — Culto Matinal — Pr. E. Ludescher
- 9h30-11h15 — Trabalhos da Assembleia
- 11h15-11h30 — Intervalo Musical
- 11h30-12h30 — Estudo Bíblico — Pr. G. Stéveny
- 15h00-18h00 — Trabalhos da Assembleia
- 21h00 — Conferência Pública
— Pr. E. Ludescher

Sexta-feira, 3 de Julho

- 8h30 — Culto Matinal — Pr. G. Stéveny
- 9h30-11h15 — Trabalhos da Assembleia
- 11h15-11h30 — Intervalo Musical
- 11h30-12h30 — Estudo Bíblico — Pr. E. Ludescher
- 15h00-16h30 — **Colheita 90**
- 20h30 — Programa Musical
- 21h00 — Conferência Pública
— Pr. G. Stéveny

Sábado, 4 de Julho

- 9h30 — Programa Musical
- 10h00 — Escola Sabatina — Pr. J.C. Costa
- 11h15 — Culto Solene — Pr. E. Ludescher
- 15h30 — Cerimónia de Consagração ao
Ministério do Pr. Mário Brito
- 16h30 — Experiências da Campanha
Colheita 90
- 21h00 — Programa Cultural

As reuniões de Sábado serão no Pavilhão do Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, Av. da República.

*Todos estamos empenhados na grande campanha «COLHEITA 90»! Talvez uns mais entusiasmados que outros, devido aos resultados que vão obtendo. No entanto, de cada esforço realizado, o Senhor tira resultados. As Sagradas Escrituras relatam como Jesus Se referiu a este tempo especial — **O tempo da colheita.***

No momento próprio, o lavrador preparou a terra, lançou-lhe a semente e, confiante, esperou ver surgir da terra as frágeis plantinhas. Cuidou delas, viu-as, cada dia, tomar nova altura e, então, achou-se rapidamente no momento em que era necessário colher.

Quanto trabalho até chegar a este momento! Quantas desilusões! Quantas alegrias e tristezas! Quanta esperança!

Esta a vida do sementeiro da palavra de Deus, em que o campo é o mundo (Mat. 13:38). Nesse mundo, a semente é a mesma, mas o lugar onde ela cai pode ser diferente: «junto ao caminho», «sobre pedras», «entre espinhos» e, finalmente, outra em «boa terra» (Luc. 8:5-8). Desta última, diz a Palavra de Deus que, «nascida, produziu fruto, a cento por um» (Luc. 8:8). Jesus, contemplando a seara produzida por aquele crescimento extraordinário da semente, exclamou: «Quando já o fruto se mostra, mete-se-lhe logo a foice, porque está chegada a hora da ceifa» (Marcos 4:29).

O mesmo pensamento encontramos expresso em Apocalipse 15:15: «Lança a tua foice e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura.»

Vemos à nossa volta, no mundo, provas do cumprimento destas palavras. O mundo está maduro, almas ansiosas procuram encontrar o caminho para a salvação. É realmente a hora de colher!

Mas, quantas vezes os ceifeiros falham, e as searas apodrecem nos campos. Quantas almas descem à sepultura sem conhecer a Jesus Cristo!

Quantas almas vivem ao nosso lado, cada dia, sem O conhecerem igualmente. Nós somos os ceifeiros e devemos estar activos, muito activos nestes momentos da colheita!